



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Padrões ofensivos em equipas de Futebol de alto rendimento

Análise dos golos marcados por momento de aceleração da fase ofensiva nos Campeonatos Espanhol e Português 2015/2016

Henrique Teixeira Pinto

Porto, 2018

Ficha de Catalogação:

Pinto, H. T. (2018) Padrões ofensivos em equipas de Futebol de alto rendimento. Análise dos golos marcados por momento de aceleração da fase ofensiva nos Campeonatos Espanhol e Português 2015/2016. Porto: H. T. Pinto. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Treino de Alto Rendimento Desportivo, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-Chave: FUTEBOL, FASE OFENSIVA, EFICÁCIA, MOMENTOS DE ACELERAÇÃO, METODOLOGIA OBSERVACIONAL.



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Padrões ofensivos em equipas de Futebol de alto rendimento

Análise dos golos marcados por momento de aceleração da fase ofensiva nos Campeonatos Espanhol e Português 2015/2016

Henrique Teixeira Pinto

Dissertação apresentada à Faculdade de Desporto com vista à obtenção do 2º ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Treino de Alto Rendimento Desportivo (Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março).

Orientador:

Daniel Barreira, PhD

Co-Orientador:

Luis Herney Melo Castro, MsC

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador, Professor Daniel Barreira, pelo tempo dedicado a mim e ao meu trabalho, e a todas as oportunidades de aprendizado que me proporcionou durante todo o meu curso.

A todos os professores e funcionários da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto por me darem a oportunidade e as condições necessárias para aprender. Acredito muito nesta instituição.

Aos professores do gabinete de futebol, pela forma que vêm e ensinam o futebol. Realizei intercâmbio nessa faculdade em 2011 e, desde lá, vocês me fizeram ver o futebol de uma forma completamente diferente da tradicional.

Ao Luis Melo pela parceria e disponibilidade, sempre foi uma pessoa disposta a ajudar qualquer pessoa, muito obrigado.

Ao João Ribeiro pela ajuda incondicional e humildade, desejo o melhor futuro pra ti, poucas pessoas são tão dedicadas quanto tu.

Ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e todos aqueles que trabalharam neste clube, por me incentivar na minha formação profissional e acreditar no meu trabalho. As pessoas que trabalham nesta instituição merecem o melhor.

Ao FC Infesta por me receber da forma como receberam e me dar todas as condições possíveis para trabalhar. Em especial ao Jorginho, pelas conversas e aprendizados diários.

Ao S. L. Benfica e todos que trabalhei por me dar a oportunidade de estagiar nas escolas do clube e aprender com vocês.

A Samuara Moraes, por me dar todas as oportunidades e condições para que eu pudesse estar bem na cidade e estudar, me ajudou muito em um momento muito importante para mim.

A todos que dividiram casa comigo, pois foram minha família durante este período, quem dera um dia voltar a conviver com todos.

Ao Kim Pontes, por decidir vir pra Portugal estudar comigo e ajudar em tudo que fosse possível.

Aos amigos do futebol da UFRGS, nunca caem. Vou sempre agradecer por ter conhecido todos vocês.

Ao Assis Lima Neto, grande amigo que me deu a honra de ser padrinho da sua filha Giovanna Biscardi de Lima, gostaria de ter vocês por perto durante esses 2 anos, mas sempre recebi apoio e compreensão de vocês.

A Patrícia Matukait e sua família, por sempre me apoiarem em todas as decisões e acreditarem em mim.

E a minha família por terem me ensinado tudo e por estarem sempre ao meu lado em qualquer situação dando todo o suporte necessário para que eu realizasse o curso da melhor forma possível, mesmo com a distância. Me orgulho muito de vocês.

Índice Geral

Agradecimentos	V
Índice Geral	VII
Índice de Quadros	IX
Índice de Figuras	XI
Resumo	XIII
Abstract	XV
Capítulo I	17
Introdução	19
Capítulo II	23
Estudo I	25
Resumo	27
Abstract	28
Introdução	29
Métodos	30
Resultados	35
Discussão	44
Conclusões	50
Referências	52
Capítulo III	55
Estudo II	57
Resumo	59
Introdução	61
Métodos	63
Resultados	66
Discussão	76

Conclusões	80
Referências	81
Capítulo V	87
Discussão	89
Capítulo V	93
Conclusões	95
Capítulo VI	97
Referências	99
Capítulo VII	105
Anexos	107

Índice de Quadros

Quadro 1 - Estrutura da Tese.....	22
Quadro 2 - Equipas observadas.....	32
Quadro 3 - Fiabilidade Intra-observador.....	34
Quadro 4 - Golos marcados pelas equipas analisadas através de momentos de aceleração.....	35
Quadro 5 - Análise sequencial de todas as equipas observadas.....	39
Quadro 6 - Análise sequencial por níveis das equipas analisadas.....	43
Quadro 7 - Equipas observadas.....	64
Quadro 8 - Fiabilidade Intra-observador.....	65
Quadro 9 - Pseudo R quadrado	67
Quadro 10 - Associação entre padrões comportamentais, zonas e contextos espaciais de interação e os momentos de aceleração da fase ofensiva.....	69
Quadro 11 - Análise sequencial dos momentos de aceleração da fase ofensiva em diferentes ligas.	75
Quadro 12- Instrumento de Observação (adaptado de Barreira et al., 2012 e Melo, 2017).	108
Quadro 13 - Critério 1 – Início da fase ofensiva/Recuperação da posse da bola (Barreira, Garganta, Prudente & Anguera, 2012).....	110
Quadro 14 - Critério 2 – Desenvolvimento da transição de estado Defesa/Ataque (Barreira et al., 2012).....	114
Quadro 15 - Critério 3 - Desenvolvimento da ação Ofensiva (prévio ao momento de aceleração) (Barreira et al., 2012).....	118
Quadro 16 - Critério 4 – Iniciação do momento de aceleração (adaptado de Mello, 2017).....	123

Quadro 17 - Critério 5 – Continuidade do momento de aceleração (Melo, 2017).	125
Quadro 18 – Critério 6 - Final da fase ofensiva (Melo, 2017).....	127
Quadro 19 – Critério 7 – Configuração espacial de interação entre as equipas no Momento de Aceleração (Barreira et al., 2012).....	129
Quadro 20 - Critério 8 – Espacialização do terreno de jogo (Melo, 2017).....	132

Índice de Figuras

Figura 1 - Fase ofensiva do Modelo de organização do jogo de futebol (adaptado de Barreira et al., 2012).....	33
Figura 2 - Software LINCE.	33
Figura 3 - Golos marcados em cada momento de aceleração, por níveis das equipas.....	36
Figura 4 - Padrões de ataque de todas as equipas em cada uma das formas de acelerar o jogo.....	38
Figura 5 - Padrões de ataque durante os momentos de aceleração da fase ofensiva comparando-se os níveis das equipas.....	42
Figura 6 - Golos marcados em cada momento de aceleração em diferentes ligas.....	67
Figura 7 - Padrões de ataque de todas as equipas em cada uma das formas de acelerar o jogo.....	74
Figura 8 - Campograma.	133

Resumo

O presente estudo teve como objetivo compreender os momentos de aceleração da fase ofensiva em equipas de Futebol. Foram analisados padrões comportamentais, estruturais e interacionais de 12 equipas participantes dos campeonatos nacionais de Portugal e Espanha na época 2015/2016, tendo em consideração o nível competitivo das equipas e a liga em que atuam. Para a realização da análise foi utilizada a metodologia observacional, através da utilização do instrumento de observação da fase ofensiva SoccerEye com algumas adaptações realizadas para que a análise destes momentos seja possível. Para o registro dos dados foi utilizado o software LINCE, enquanto para a análise sequencial recorreu-se ao software SDIS-GSEQ e para a regressão logística multinomial foi utilizado o software IBM SPSS Statistics. Nos dois estudos realizados, constatou-se que as equipas utilizam os momentos de aceleração da fase ofensiva para marcar golos, mas as equipas de topo são aquelas que mais marcam após estes momentos e que estes acontecem maioritariamente por passes em detrimento de ações individuais. Além disso, nas equipas nível superior é exigido dos defensores que participem na aceleração do jogo, aproveitando mais jogadores no ataque. Também se verificou que estas equipas utilizam as zonas e os contextos espaciais de interação mais favoráveis a cada uma das formas de acelerar o jogo, possibilitando que marquem mais golos. As equipas espanholas de topo marcam mais golos por momento de aceleração do que as portuguesas, e têm preferência pelo momento de aceleração iniciado por passe de ruptura frontal ou diagonal, enquanto que as equipas portuguesas utilizam mais o passe curto entre-linhas para acelerar o jogo antes de marcar. Além disso, os resultados destes estudos demonstram que as equipas espanholas também exigem mais comportamentos de ataque dos seus defensores e que utilizam melhor as zonas e os contextos espaciais de interação do que as equipas portuguesas. Por fim, percebeu-se que os contextos espaciais de interação são fatores determinantes para os momentos de aceleração da fase ofensiva.

Palavras-Chave: FUTEBOL, FASE OFENSIVA, EFICÁCIA, MOMENTOS DE ACELERAÇÃO, METODOLOGIA OBSERVACIONAL.

Abstract

The present study aimed to understand the moments of acceleration of the offensive phase in Soccer teams. Behavioral, structural and interaction patterns of 12 teams participating in the national championships of Portugal and Spain in the 2015/2016 season were analyzed, considering the competitive level of the teams and the league in which they operate. For the accomplishment of the analysis was used the observational methodology, through the use of the observation instrument of the SoccerEye offensive phase with some adjustments made so that the analysis of these moments is possible. For the data recording, the software LINCE was used, while for the sequential analysis the SDIS-GSEQ software was used, and for the multinomial logistic regression the software IBM SPSS Statistics was utilized. In both studies, it was found that the teams use the moments of acceleration of the offensive phase to score goals, but the top teams are the ones that mark the most after these moments and that these happen mostly by passes than by individual actions. In addition, in the top teams is required of the defenders who participate in the acceleration of the game, taking advantage of more players in the attack. It has also been found that the top teams use the spatial interaction zones and contexts that are most conducive to each of the ways to accelerate the game, allowing them to score more goals. The Spanish top teams score more goals per moment of acceleration than the Portuguese ones and prefer the moment of acceleration initiated by a front or diagonal break pass, while the Portuguese teams use more the short cross-line pass to accelerate the game before Mark. In addition, the results of these studies demonstrate that Spanish teams also demand more offensively from their defenders and that they use zones and spatial interaction contexts better than Portuguese teams. In the end, it was also clear that the spatial patterns of interaction are determining factors for the moments of acceleration of the offensive phase.

Key words: SOCCER, ATTACKING PHASE, EFFECTIVENESS, ACCELERATION MOMENTS, OBSERVATIONAL METHODOLOGY

Capítulo I

Introdução

Introdução

O futebol tem recebido muita atenção por parte de estudiosos que buscam dados relevantes para que possam transformar em informações, possibilitando compreender o que acontece no jogo (Barreira, Garganta & Anguera, 2013). Além disso, os mesmos autores acrescentam que a dimensão tática vem integrando cada vez mais estudos científicos, demonstrando que os investigadores deste desporto parecem entender que esta dimensão é determinante para a compreensão do jogo e para a vitória das equipas.

Neste sentido, diversos autores (Garganta; 2001; Oliveira, 2004; Tavares, Greco, & Garganta, 2006) defendem que o jogo de futebol é essencialmente tático, devido à grande interação entre os seus componentes. Pois, ao analisar o jogo de forma global, é possível perceber um confronto entre interesses de duas equipas diferentes, onde cada uma delas busca a vitória, havendo a necessidade de marcar mais golos do que o adversário para vencer (Garganta & Gréhaigne, 1999; Aquino et al., 2016). Sendo assim, uma determinada equipa impõe problemas para a outra, com objetivo de marcar golo e não sofrer. Porém, também precisa resolver os problemas criados pelos adversários, mas nunca se sabe o que irá acontecer no próximo instante, muito menos em instantes mais afastados no tempo, fazendo com que haja grande imprevisibilidade e aleatoriedade no jogo.

Neste caso, as equipas precisam organizar-se de tal forma que consigam resolver os problemas que os adversários lhes causam com objetivo de vencer o jogo, sendo consideradas “superorganismos” altamente coordenados operando como uma unidade (Duarte, Araújo, Correia & Davids, 2012). Por isso, alguns autores (Barreira et al., 2014) defendem que a tática exige que os padrões defensivos e ofensivos das equipas se inter-relacionem constantemente.

Para que seja possível organizar as equipas de forma adequada, os intervenientes no processo de treino e jogo precisam compreender o jogo de futebol e suas fases. Neste sentido, Barreira e Garganta (2007) criaram um modelo teórico onde demonstram que existem duas grandes fases no jogo de

futebol, sendo diferenciadas de acordo com a posse da bola. Estes autores referem que, a equipa detentora da posse da bola encontra-se em fase ofensiva, enquanto a que não tem a posse da bola está em fase defensiva.

Então, importa perceber como as equipas organizam-se nas diferentes fases do jogo, por isso uma das tendências da análise do jogo prende-se com a identificação dos padrões comportamentais evidenciados pelas equipas e jogadores durante o jogo, objetivando perceber os factores que induzem perturbação ou desequilíbrio no balanço ataque/defesa (Garganta, 2001).

Tendo em consideração que o jogo começa empatado e as equipas pretendem vencer o jogo, importa aos pesquisadores estudar os comportamentos das equipas durante a fase ofensiva, buscando compreender como estas desequilibram a organização defensiva adversária e criam oportunidade de marcar golo.

Neste sentido, Barreira, Garganta, Castellano, Prudente e Anguera (2014), analisaram a evolução dos padrões ofensivos das equipas participantes dos Campeonatos da Europa UEFA e do Mundo FIFA de 1982 a 2010, concluindo que o jogo se tornou mais coletivo, passando de ações individuais (drible e condução de bola) no corredor central do terreno de jogo para ações de passe curto e cruzamento dos corredores laterais. Enquanto Camerino et al. (2012) buscaram detectar padrões temporais na dinâmica do jogo de futebol, analisando a equipa do FC Barcelona na época 2000/2001, determinando a existência de padrões de posse de bola, sendo mantida na zona central antes de ser jogada para a frente.

Entretanto, interessa saber como as equipas atacam e marcam golo, neste sentido Mello (2017) determinou que os golos são marcados de três formas: 1) Por momento de aceleração; 2) Sem momento de aceleração; 3) Por bolas paradas. O mesmo autor ainda acrescenta que as equipas marcaram mais golos através da criação de momentos de aceleração, sendo estes momentos considerados situações tácticas, dinâmicas, que provocam situações de crise, desequilibrando a equipa em fase defensiva, através da conquista de seu(s) espaço(s), fazendo progredir a bola com rapidez e eficácia no sentido da baliza, até marcar golo.

Neste sentido, muitos outros investigadores (Leontijević, Janković & Tomić, 2017; Tenga, Holme, Ronglan & Bahr, 2010; Živanovic, 2016; Gonzalez-Rodenas, Lopez-Bondia, Calabuig, James, & Aranda, 2015; Mahony, Wheeler & Lyons, 2012; Michailidis, Michailidis & Primpa, 2013) defendem que importa compreender os padrões ofensivos que as equipas apresentam para marcar golo ou rematar a baliza. Porém nenhum estudo foi encontrado em nossa pesquisa objetivando compreender os padrões comportamentais das equipas e jogadores durante os momentos de aceleração da fase ofensiva, já que estes momentos são aqueles que mais geram golos a favor das equipas.

Por tanto, será que as equipas evidenciam padrões em cada uma das formas de acelerar o jogo? Buscando responder esta pergunta, o objetivo deste trabalho é determinar os padrões ofensivos realizados antes, durante e após os momentos de aceleração da fase ofensiva que geram golo a favor.

A partir do objetivo geral definiram-se os seguintes objetivos específicos:

- 1) Determinar o(s) indicador(es) dos momentos de aceleração que gera(m) maior quantidade de golos a favor;
- 2) Determinar qual(ais) a(s) zona(s) do terreno de jogo mais propícia(s) à aceleração do jogo atacante;
- 3) Verificar se há relação entre o contexto espacial de interação e os momentos de aceleração;
- 4) Verificar a possível existência de diferenças entre: diferentes níveis competitivos das equipas e diferentes ligas;
- 5) Verificar a possível previsão do(s) momento(s) de aceleração a partir de outro(s) comportamento(s), zona(s) e/ou contexto(s) espacial(is) de interação.

O trabalho encontra-se estruturado em 7 capítulos (Quadro 1). Sendo Capítulo I referente à Introdução, onde é apresentado o tema, o problema, a justificativa e os objetivos gerais e específicos do trabalho, visando dar ao leitor uma ideia geral do que será tratado neste trabalho.

Nos Capítulos II e III apresenta-se o Estudo I (Análise sequencial dos momentos de aceleração da fase ofensiva.) e o Estudo II (Padrões

comportamentais realizados durante os momentos de aceleração da fase ofensiva em equipas de topo de Portugal e Espanha.).

No Capítulo IV apresenta-se as considerações finais confrontando-se os resultados recolhidos nos dois estudos com o que está descrito na literatura e foi encontrado na revisão realizada para este trabalho.

Durante o Capítulo V apresenta as referências bibliográficas utilizadas ao longo de todo o estudo.

Por fim, os anexos estarão expostos no Capítulo VI, contendo o Instrumento de Observação utilizado em ambos os estudos.

Quadro 1 - Estrutura da Tese

Capítulo I	Introdução
Capítulo II	Estudo I – Análise sequencial dos momentos de aceleração da fase ofensiva.
Capítulo III	Estudo II – Padrões comportamentais realizados durante os momentos de aceleração da fase ofensiva em equipas de topo de Portugal e Espanha.
Capítulo IV	Considerações Finais
Capítulo V	Referências Bibliográficas
Capítulo VI	Anexos

Capítulo II

Estudo I

Estudo I

Análise sequencial dos golos marcados a partir de momentos de aceleração de equipas de nível inferior e superior nos campeonatos nacionais Espanhol e Português (1ª divisão) 2015/2016

Resumo

É importante compreender a forma que as equipas de futebol utilizam os momentos de aceleração da fase ofensiva para marcar golo. Porém, poucos trabalhos foram dedicados ao entendimento destes momentos. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi compreender os padrões comportamentais das equipas de futebol durante os momentos de aceleração da fase ofensiva, comparando-se as equipas de nível superior e inferior. Observaram-se 372 jogos disputados por 12 equipas (divididas em 2 níveis, superior e inferior) que participaram nos campeonatos nacionais de Portugal e Espanha. Registaram-se e analisaram-se 291 golos marcados após aceleração do jogo. Utilizaram-se os softwares LINCE e SDIS-GSEQ (versão 5.1) para o registro e análise dos dados, respetivamente. Os resultados mostram que os momentos de aceleração são determinantes para o sucesso competitivo das equipas, pois as equipas de nível superior foram aquelas que marcaram mais golos desta forma. Os golos foram marcados maioritariamente após ações coletivas, com passes, e nestas ações mais golos foram marcados após acelerações iniciadas com passes curtos. As equipas de nível superior apresentam mais associações entre cada uma das formas de acelerar o jogo e os comportamentos, as zonas e os contextos espaciais de interação analisados. As equipas de nível inferior marcam mais golos após aceleração iniciada por condução de bola (38 golos) e, normalmente, aceleram o jogo pelo corredor central, pelas zonas 1 ($z=3,26$), 4 ($z=2,05$) e 12 ($z=2,03$). Já as equipas de nível superior marcam mais vezes através de aceleração iniciada por passe de ruptura frontal ou diagonal (63 golos), utilizando na maioria das formas de acelerar o jogo o corredor central, pelas zonas 1 ($z=4,93$), 3 ($z=2,26$), 11 ($z=2,71$) e 12 ($z=4,61$). Porém, utilizam o corredor lateral, zona 6 ($z=2,54$), para acelerar o jogo por condução de bola. As equipas de nível superior exigem dos seus defensores maior qualidade de passe, pois estes participam da aceleração do jogo por passe curto entre-linhas ($z=2,42$) ou por passe longo positivo ($z=4,13$), enquanto que nas equipas de nível inferior os defesas são responsáveis somente pelas acelerações iniciadas por passe longo ($z=5,3$).

Palavras-Chave: FUTEBOL, FASE OFENSIVA, EFICÁCIA, MOMENTOS DE ACELERAÇÃO, METODOLOGIA OBSERVACIONAL.

Abstract

It is important to understand the form that soccer teams use the moments of acceleration of the offensive phase to score. However, few works were devoted to understanding these moments. In this way, we aimed to understand the behavioral patterns of soccer teams during the moments of acceleration of the attack, comparing higher-level and low-level teams. We analyzed 372 games played by 12 teams (divided into 2 levels, higher and lower) that participated in the national championships of Portugal and Spain. 291 goals were scored and analyzed after the game was accelerated. LINCE and SDIS-GSEQ (version 5.1) software were used for data recording and analysis, respectively. Results showed that the moments of acceleration are decisive for the competitive success of the teams, because teams of superior level were those that scored more goals after a moment of acceleration of the attack. The goals were scored mainly after collective actions, with passes, and in these actions more goals were scored after accelerations started with short passes. The higher-level teams presented more associations between each of the ways to accelerate the game and the behaviors, zones and spatial contexts of interaction analyzed. Low-level teams score more goals after acceleration initiated by running with the ball (38 goals) and usually accelerate game play through the center corridor, in zones 1 ($z = 3.26$), 4 ($z = 2.05$) and 12 ($z = 2.03$). On the other hand, top-level teams score more often through acceleration initiated by a forward or diagonal break pass (63 goals), using in most ways to accelerate the game in the central corridor, by zones 1 ($z = 4.93$), 3 ($z = 2.26$), 11 ($z = 2.71$) and 12 ($z = 4.61$). However, they use the lateral corridor, zone 6 ($z = 2.54$), to accelerate the game by running with the ball. Top-level teams demand from their defenders a higher pass quality so that they can unbalance the opponent by accelerating the game, as it is demonstrated in this study that the players on the defensive line of the observed teams are responsible for accelerating the game by short passing between ($z = 2.42$) or by positive long pass ($z = 4.13$), while in lower level teams defenses are only responsible for accelerations initiated by long pass ($z = 5.3$).

Key words: SOCCER, ATTACKING PHASE, EFFECTIVENESS, ACCELERATION MOMENTS, OBSERVATIONAL METHODOLOGY

Introdução

Investigadores em futebol vêm tentando compreender quais são os fatores determinantes para o rendimento das equipas (e.g. Lago-Ballesteros & Lago-Peñas, 2010; Lago-Peñas, Lago-Ballesteros, Dellal, & Gómez, 2010; Lago-Ballesteros & Lago-Peñas, 2011; Castellano, Casamichana, & Lago, 2012; Clemente, 2012; Collet, 2013; Shafizadeh, Taylor, & Lago-Peñas, 2013; Cerqueira, Nakamura, Pescim, & Leandro, 2014; Evangelos, Aristotelis, Ioannis, Stergios, & Foteini, 2014; Liu, Gomez, Lago-Peñas, & Sampaio, 2015; Kite, & Nevill, 2017). Neste sentido, muitos trabalhos recorrem a procedimentos de observação e análise do comportamento de jogadores e equipas como instrumento capaz de gerar dados importantes, que possam ser transformados em informação, para serem utilizadas na melhoria qualitativa das equipas (Barreira et al., 2013).

Porém, Garganta (2001) afirma que ao observar, o pesquisador enxergará aquilo que conhece previamente, pois vê com os seus conceitos. Por isso, no contexto da observação e análise de jogo, primeiro deve-se formular as categorias e indicadores, e posteriormente procurar e aferir as formas de manifestação em jogo, pois somente assim será possível transformar os dados em informação útil e fiável.

Neste sentido, o mesmo autor (2001) acrescenta que as análises realizadas no âmbito dos jogos desportivos coletivos devem procurar responder a quatro questões: 1) Quem executa a ação; 2) Qual é a ação realizada; 3) Onde se realiza a ação; e 4) Quando realiza a ação. Estas informações serão posteriormente utilizadas para perceber de forma ampla o contexto em que os comportamentos ocorreram, para que os treinadores as possam utilizar para a melhoria qualitativa das equipas.

Tendo em consideração que as equipas têm a necessidade de vencer o confronto com o oponente, e que isso só é possível marcando mais golos do que os que sofrem, faz sentido estudar os meios mais eficazes para marcar golos. Por isso, Melo (2017) realizou um estudo buscando verificar qual a forma de atacar que gera um maior número de golos a favor. O mesmo autor (2017)

propõe três formas diferentes para marcar golo: 1) Com momento de aceleração; 2) Sem momento de aceleração; e através de 3) Bolas paradas. No seu estudo, Melo (2017) concluiu que houve maior quantidade de golos marcados após ocorrer um momento de aceleração da fase ofensiva do que de qualquer uma das outras duas formas referidas. Sendo assim, afigura-se fundamental entender como se criam e desenvolvem os momentos de aceleração, que são definidos como situações táticas, dinâmicas, que provocam situações de crise, desequilibrando a equipa em fase defensiva através da conquista de seu(s) espaço(s), fazendo progredir a bola com rapidez e eficácia no sentido da baliza adversária até marcar golo (Melo, 2017).

A literatura é escassa relativamente ao estudo dos momentos de aceleração da fase ofensiva, pelo que surge a necessidade de responder às seguintes questões: quais são os padrões comportamentais das equipas nos momentos de aceleração?; será que as equipas de diferentes níveis evidenciam os mesmos padrões de aceleração?.

O presente trabalho pretendeu responder às questões emergentes, pelo que teve como objetivos analisar os momentos de aceleração da fase ofensiva realizados por equipas portuguesas e espanholas da primeira divisão, classificadas em dois diferentes níveis competitivos (superior e inferior), mediante a análise sequencial de retardos, e compreender os padrões comportamentais evidenciados pelas equipas antes, durante e depois do momento de aceleração, até marcar golo, na época 2015/2016, no campeonato português e espanhol da primeira divisão.

Métodos

Desenho observacional

Anguera e Hernández-Mendo (2015) sugerem que todo o estudo empírico realizado no âmbito das ciências do desporto necessita de um desenvolvimento metodológico para que possa responder à pergunta científica com uma parcela de realidade. Neste sentido, a metodologia quali-quantitativa apresenta-se como uma estratégia de investigação fundamentada em uma rigorosa

descrição do contexto em que ocorre o evento, com máxima objetividade na captação da realidade sempre complexa (Anguera, Blanco, Hernandez & Losada, 2011), sendo ideal para os objetivos deste trabalho. Para compreender os padrões comportamentais adotados pelos jogadores em seu ambiente natural utilizou-se a metodologia observacional, pois é considerada por Anguera (1986) como uma técnica não invasiva, e que é sensível ao contexto e capaz de analisar um grande volume de dados.

Foi utilizada a metodologia qualitativa, com técnica indireta, com a observação de condutas a partir de indicadores, como sugere Anguera (1986). De acordo com Anguera, Blanco e Losada (2001), o desenho do presente estudo é do tipo nomotético/seguimento/multidimensional: i) nomotético - porque se registram os comportamentos dos jogadores/equipa em interação contínua com o adversário; ii) seguimento – porque os dados são registados de forma contínua no tempo (ao longo dos jogos); iii) multidimensional – porque são vários os níveis de resposta analisados, utilizando um sistema misto de formato de campo com sistemas de categorias.

Participantes

Observaram-se 372 jogos disputados por 12 equipas em duas ligas de futebol profissional: de Espanha e de Portugal (La Liga e Liga NOS, respetivamente), na época 2015/2016 (Quadro 2). Com objetivo de comparar equipas de diferentes níveis (Sarmiento et al., 2014), estas dividiram-se em 2 grupos: inferior e superior, de acordo com a classificação final na competição. Entende-se por equipas de nível superior as que terminaram a competição nas 3 primeiras posições da tabela classificativa, enquanto que as equipas de nível inferior são as pior classificadas, mas que não foram despromovidas. Registraram-se 291 golos marcados após a equipa observada acelerar o jogo, sendo as sequências de todos os golos registradas e analisadas.

Quadro 2 - Equipas observadas

Liga Espanhola (La Liga 2015/16)	Liga Portuguesa (Liga NOS 2015/16)
Futbol Club Barcelona	Sport Lisboa e Benfica
Real Madrid Club de Fútbol	Sporting Clube de Portugal
Club Atlético de Madrid	Futebol Clube do Porto
Real Club Deportivo	Boavista Futebol Clube
Granada Club de Fútbol	Vitória Futebol Clube
Real Sporting de Gijón	Clube Desportivo de Tondela

Instrumentos

Instrumento de Observação

Adaptou-se os sistemas de observação *SoccerEye* (Barreira, Garganta, Prudente, & Anguera, 2012) e de Melo (2017) (Anexo 1). O sistema de observação constitui-se por 8 critérios de observação, nomeadamente: 1- Início da fase ofensiva/recuperação da posse de bola (I); 2- Desenvolvimento da Transição-Estado defesa/ataque (DT); 3- Desenvolvimento da Posse de Bola (Prévio ao momento de aceleração) (DP); 4- Iniciação do momento de aceleração (IA); 5- Desenvolvimento do momento de aceleração (CA); 6- Final da fase ofensiva com golo a favor (GL); 7- Configuração espacial de interação entre as equipas no momento de aceleração (CEI); 8- Espacialização do terreno de jogo (ETJ).

Para marcar golo, a equipa necessita ter a bola, i.e. estar em fase ofensiva, mas podem finalizar o ataque após uma Transição-Estado defesa/ataque ou após o desenvolvimento da posse de bola. Neste sentido, o momento de aceleração encontra-se anteriormente ao final da fase ofensiva (Figura 1) e após a Transição-Estado defesa/ataque ou o desenvolvimento da posse da bola.

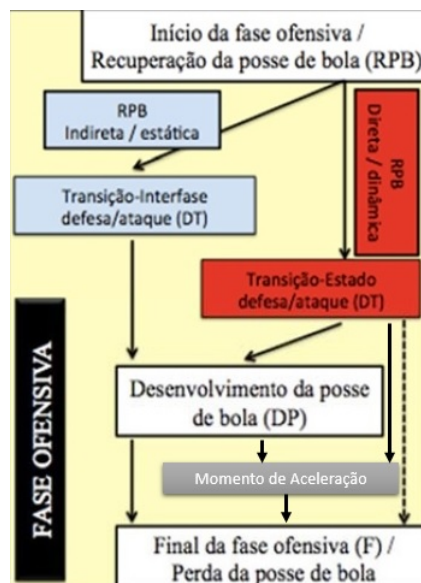


Figura 1 - Fase ofensiva do Modelo de organização do jogo de futebol (adaptado de Barreira et al., 2012)

Instrumentos de Registro

Para o acesso aos jogos das equipas analisadas durante toda a época utilizou-se o site “www.wyscout.com”, propriedade da empresa Wyscout S.p.A. (Figura 2). Devido à necessidade de versatilidade para a observação recorreu-se ao software multiplataforma LINCE (Gabin, Camerino, Anguera, & Castañer, 2012) (Figura 2).

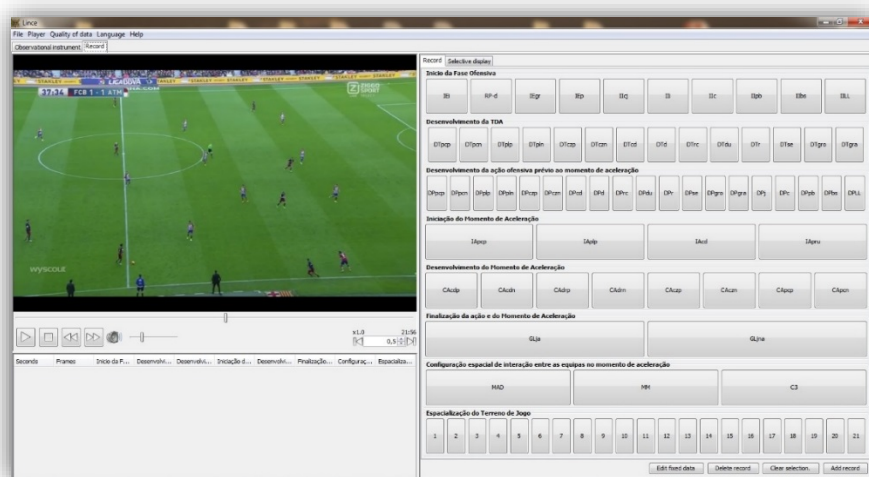


Figura 2 - Software LINCE.

Procedimentos

Realizaram-se as análises retrospectiva e prospectiva, tendo como referência (conduta critério) o momento de aceleração. Ou seja, foi realizada a análise retrospectiva com o objetivo de verificar os comportamentos que com maior probabilidade antecedem a aceleração do jogo, e a análise prospectiva buscando verificar a associação dos comportamentos após a aceleração do jogo até a equipa marcar golo.

Além disso, foram registradas as zonas e os contextos espaciais de interação no momento em que o jogo foi acelerado, buscando compreender *onde* e *quando* o comportamento é mais provavelmente realizado (Garganta, 2001).

Qualidade dos dados

Para determinar a fiabilidade intra-observador, calculou-se o Índice Kappa de Cohen (Quadro 3), sendo avaliados e reavaliados 42 golos referentes a 14,9% do total da amostra observada. O intervalo de tempo entre observações foi de 25 dias, buscando minimizar a interferência da primeira observação. Os resultados mostram valores de Kappa superiores a 0.80 para os momentos de aceleração observados, bem como para as diferentes ligas.

Quadro 3 - Fiabilidade Intra-observador

Ligas	Kappa (Erro padrão)	Intervalo de Confiança 95%
Espanha	0,95 (0,043)	0,000
Portugal	0,91 (0,043)	0,000

Análise estatística

Realizou-se uma análise descritiva buscando detalhar a quantidade de golos marcados em cada momento de aceleração, também utilizou-se a análise sequencial de retardos (*lag-method*) (Anguera, 1990; Castellano, Hernández-Mendo & Haro, 2002; Lago & Anguera, 2003), com o objetivo de detetar os padrões de conduta com probabilidade de ocorrência maior do que o azar, tendo como valor de prova $p < 0,05$ ($z > 1,96$).

Resultados

Golos marcados através de momentos de aceleração realizados por equipas de nível inferior e superior nos campeonatos Espanhol e Português 2015/2016

Um total de 291 golos foram analisados, sendo o Futbol Club Barcelona (FCB) o clube que mais marcou após aceleração do jogo (55 golos) (Quadro 4), seguido pelo Real Madrid Club de Fútbol (RM) (45 golos). As equipas que menos marcaram após acelerar o jogo foram: Boavista Futebol Clube (BOA) e Clube Desportivo de Tondela (TON), ambos com apenas 6 golos. Porém as equipas portuguesas jogam 4 jogos a menos do que as espanholas, devido ao número de participantes na competição, sendo assim, foi calculada a média de golos por jogo, mantendo FCB (1,45 golos por jogo) e RM (1,18 golos por jogo) como as equipas que mais marcam após acelerar o jogo ofensivamente.

Quadro 4 - Golos marcados pelas equipas analisadas através de momentos de aceleração.

Espanha	Golos	Jogos	Golos por jogo	Portugal	Golos	Jogos	Golos por jogo
Futbol Club Barcelona	55	38	1,45	Sport Lisboa e Benfica	25	34	0,74
Real Madrid Club de Fútbol	45	38	1,18	Sporting Clube de Portugal	31	34	0,91
Club Atlético de Madrid	29	38	0,76	Futebol Clube do Porto	29	34	0,85
Real Club Deportivo	17	38	0,45	Boavista Futebol Clube	6	34	0,18
Granada Club de Fútbol	15	38	0,39	Vitória Futebol Clube	13	34	0,38
Real Sporting de Gijón	20	38	0,53	Clube Desportivo de Tondela	6	34	0,18

Verifica-se que a aceleração do ataque por condução de bola (99 golos a favor) foi o mais utilizado (Figura 4), seguido do de passe de ruptura frontal ou diagonal (77 golos), passe curto entre-linhas (69 golos). Já a forma de acelerar o ataque que gerou um menor número de golos a favor foi a iniciada por passe longo positivo (43 golos). Porém, quando separadas as equipas por níveis, superior e inferior (Figura 3), verifica-se que as equipas de nível alto utilizam mais a aceleração por passe de ruptura frontal ou diagonal (63 golos), enquanto que as equipas de nível inferior aceleram por condução de bola (38

golos). Além disso, observa-se que a aceleração que gerou menos golos a favor para ambos os grupos foi a iniciada por passe longo positivo, com a obtenção de 31 golos das equipas de nível superior e 12 das equipas de nível inferior.

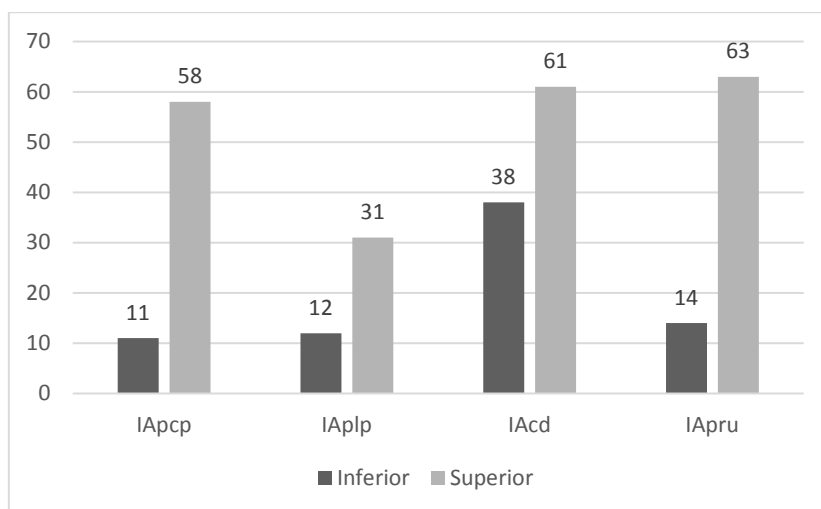


Figura 3 - Golos marcados em cada momento de aceleração, por níveis das equipas.

Legenda: IApcp: Iniciação da aceleração por passe curto positivo entre-linhas; IAplp: Iniciação da aceleração por passe longo positivo; IAcd: Iniciação da aceleração por condução de bola; IApru: Iniciação da aceleração por passe de ruptura frontal ou diagonal.

Padrões dos momentos de aceleração da fase ofensiva

Nos resultados encontrados neste estudo (Quadro 5), verificou-se que os golos marcados a partir de momentos de aceleração iniciados por passe curto positivo (Figura 5A) entre-linhas são antecidos por ações coletivas de passe curto positivo (retardo -2, $z=2,13$) e são realizados numa zona recuada do terreno (zona 1, $z=1,97$) quando a bola está com os defensores da equipa e tem todas as linhas adversárias a sua frente ($z=2,28$). Além disso, estes momentos são continuados por ações de passe (retardo +1, $z=5,19$).

Quando a aceleração é iniciada por passe longo positivo (Figura 5B e C) não existem comportamentos anteriores que ocorram com maior probabilidade que o acaso. Estas acelerações são realizadas em zonas mais recuadas do terreno de jogo (zona 1, $z=5,96$), com a bola nos defesas ($z=6,40$) ou médios ($z=2,52$) e à frente dos avançados adversários, e são continuados por cruzamento

positivo (retardo +1, $z=2,51$), e o golo é marcado por um jogador que não acelerou o jogo (retardo +2, $z=2,15$, e +3, $z=3,30$).

Ao analisarmos os momentos de aceleração por condução de bola (Figura 5D, E e F) verificamos que estes são iniciados após ações individuais, como a recuperação da posse de bola por desarme, em todos os retardos (-3, $z=2,02$, -2, $z=3,09$, e -1, $z=2,05$), desenvolvimento da posse de bola por drible (retardos -2, $z=2$, e -1, $z=2,49$), ou por passe longo positivo (retardo -1, $z=2,82$). Estes momentos são iniciados, preferencialmente, nos corredores laterais (10, $z=2,89$, 13, $z=2,51$, e 14, $z=2,37$), quando a bola está com os avançados e estes têm à frente algum jogador da linha média adversária e a defesa ($z=5,69$). Estes momentos são continuados por condução de bola positiva no retardo +1 ($z=4,95$) ou +2 ($z=3,35$), por cruzamento positivo no retardo +2 ($z=2,34$) ou golo marcado pelo jogador que acelera o jogo (retardos +2, $z=2,78$, e +3, $z=2,41$).

Por último, ao iniciar a aceleração do jogo ofensivo por passe de ruptura frontal ou diagonal (Figura 5G), o comportamento precedente é a recuperação da posse de bola por ação defensiva seguida por passe (retardo -2, $z=2,45$) e acontece nas zonas à frente da área de penálti adversária (11, $z=3,65$, e 12, $z=4,35$) quando a bola está entre as linhas médias das equipas ($z=3,92$). Posteriormente a este tipo de aceleração o golo é marcado por um jogador que não acelerou o jogo (retardos +1, $z=6$, +2, $z=9,06$, e +3, $z=2,55$).

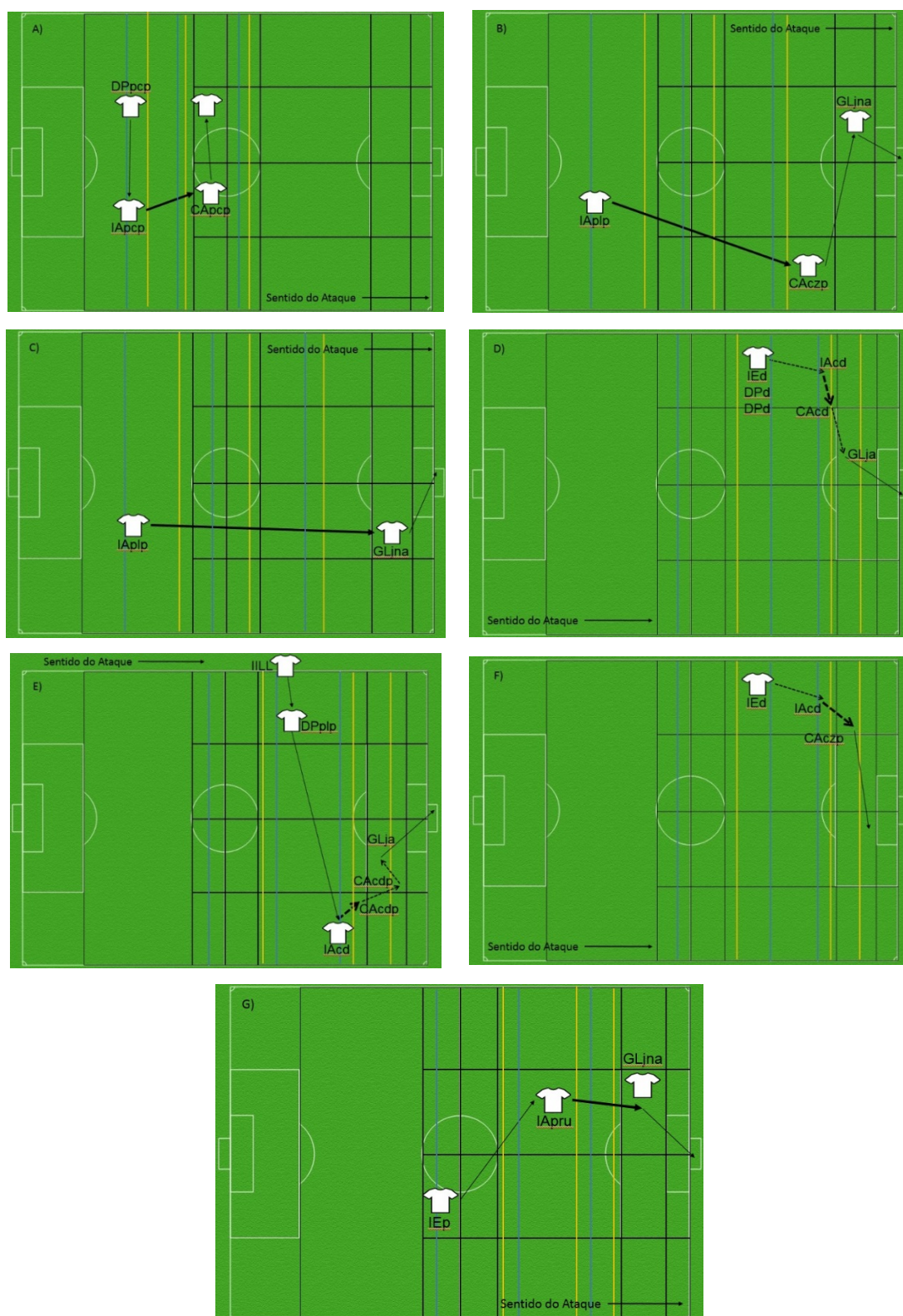


Figura 4 - Padrões de ataque de todas as equipes em cada uma das formas de acelerar o jogo.

Legenda: A) IApcp; B) IAplp - 1; C) IAplp - 2; D) IAcD - 1; E) IAcD - 2; F) IAcD - 3 e G) IApru. Linhas azuis representam as linhas da equipa observada, enquanto as linhas amarelas representam as linhas da equipa adversária.

Quadro 5 - Análise sequencial de todas as equipas observadas.

Retardos			Zonas	CEI	IA	Retardos		
-3	-2	-1				+1	+2	+3
-	DPpcp (z=2,13)	-	1 (z=1,97)	ATAD (z=2,28)	IApcp	CAPcp (z=5,19)	-	-
-	-	-	1 (z=5,96) 16 (z=2,31)	ATAD (z=6,40) MAD (z=2,52)	IAplp	CACzp (z= 2,51) GLjna (z=3,26)	GLjna (z=2,15)	GLjna (z=3,3)
IEd (z=2,02)	IEd (z=3,09) IILL (z=2,23) DPd (Z=2)	IEd (z=2,05) DPplp (z=2,82) DPd (z=2,49)	10 (z=2,89) 13 (z=2,51) 14 (z=2,37)	ADM (z=5,69)	IAcd	CACdp (z=4,95)	CACdp (z=3,35) CACzp (z=2,34) GLja (z=2,78)	GLja (z=2,41)
-	IEp (z=2,45)	-	11 (z=3,65) 12 (z=4,35)	MM (z=3,92)	IApru	GJjna (z=6)	GJjna (z=9,06)	GJjna (z=2,55)

Legenda: IA: Iniciação da aceleração; IEd: Recuperação da posse da bola por desarme; IILL: Recuperação da posse da bola por lançamento de linha lateral; IEp: Recuperação da posse de bola por ação defensiva seguida por passe; DPpcp: Desenvolvimento da posse da bola por passe curto positivo; DPd: Desenvolvimento da posse da bola por drible; DPplp: Desenvolvimento da posse da bola por passe curto positivo. ATAD: Bola encontra-se entre a linha atrasada da equipa observada e a linha adiantada adversária; MAD: Bola encontra-se entre a linha média da equipa observada e a linha adiantada adversária; ADM: Bola encontra-se entre a linha adiantada da equipa observada e a linha média adversária; MM: Bola encontra-se entre as linhas médias das equipas. CAPcp: Continuidade da aceleração por passe curto positivo; CACzp: Continuidade da aceleração por cruzamento positivo; CACdp: Continuidade da aceleração por condução de bola positiva; GLjna: Golo marcado por um jogador que não acelerou o jogo; GLja: Golo marcado pelo jogador que acelerou o jogo. Verificar zonas no campograma, critério 8 (Anexo 1).

Padrões evidenciados nos momentos de aceleração em equipes de diferentes níveis

Quando comparamos os diferentes níveis das equipes analisadas (Quadro 6 e Figura 6) verificamos que os momentos de aceleração iniciados por passe curto positivo entre-linhas são realizados por equipes de nível inferior após condução de bola (retardo -1, $z=3,31$) e no corredor central (zona 4, $z=2,05$), continuados por passe curto positivo (retardo +1, $z=2,41$), condução de bola positiva (retardo +2, $z=2,5$). As equipes de nível superior aceleram desta forma também no corredor central (zona 3, $z=2,26$) quando a bola está entre a linha atrasada da equipe observada e a linha adiantada adversária ($z=2,42$), continuando este momento com passe curto positivo (retardo +1, $z=3,99$) e drible positivo (retardo +2, $z=2,19$). Estes resultados sugerem que os defesas das equipes de nível superior têm maior importância para a fase ofensiva, participando da aceleração do jogo, exigindo dos jogadores que atuam nestas posições capacidade para efetuarem passes curtos.

Ao analisar-se a aceleração por passe longo positivo, verifica-se que as equipes de nível inferior realizam passe longo positivo ($z=2,96$) ou condução de bola ($z=1,96$) no retardo -2, antes de acelerar o jogo. As equipes aceleram na zona 1 ($z=3,26$) quando a bola está entre a linha defensiva da equipe observada e a linha adiantada adversária ($z=5,3$), continuando o momento de aceleração com um cruzamento positivo (retardo +1, $z=2,18$), e marcam gol através de um jogador que não acelerou o jogo (retardo +2, $z=2,24$). Enquanto que as equipes de nível superior aceleram por passe longo positivo nas zonas 1 ($z=4,93$) e 16 ($z=2,43$) após condução de bola (retardo -3, $z=1,96$), quando a bola está entre a linha atrasada da equipe com a posse da bola e a linha adiantada adversária ($z=4,13$), continuando por cruzamento positivo (retardo +1, $z=2,51$), passe curto positivo (retardo +2, $z=1,96$) ou gol marcado por um jogador que não acelerou o jogo (retardo +3, $z=2,54$). Estes dados sugerem que as equipes de diferentes níveis têm os mesmos padrões para acelerar o jogo por passe longo positivo.

A aceleração por condução de bola evidencia que as equipes de diferentes níveis apresentam semelhanças no contexto de interação em que aceleram o jogo (ADM, inferior $z=2,99$, superior $z=4,33$), porém apresentam diferenças nas

demais variáveis analisadas. As equipas de nível inferior aceleram o ataque após passe longo positivo (retardo -1, $z=2,03$) no corredor central (zona 12, $z=2,03$), continuando a aceleração por passe curto positivo (retardo +2, $z=2,04$). Já as equipas de nível superior aceleram após a linha do meio campo no corredor lateral (zona 6, $z=2,54$), após desenvolvimento da posse da bola por drible (retardo -2, $z=2,33$) ou recuperação da posse da bola por desarme (retardo -1, $z=2,05$), e continuando a aceleração por condução de bola (retardos +1, $z=4,77$ e +2, $z=4,65$) ou golo marcado por um jogador que acelerou o jogo (retardo +2, $z=2,23$). Estes resultados evidenciam que há uma sequência de ações individuais realizadas, sendo o desarme, a aceleração do jogo, a continuidade da aceleração e o golo marcado pelo jogador que acelerou o jogo, demonstrando que esta forma de acelerar o jogo realizada por estas equipas é dependente da qualidade individual do jogador e que a pressão exercida pelos avançados sobre os adversários é importante para a equipa marcar golo.

As acelerações realizadas por passe de ruptura frontal ou diagonal apresentam semelhanças entre os diferentes níveis das equipas no que refere ao contexto espacial de interação em que o jogo foi acelerado (MM, inferior $z=2,73$, superior $z=2,25$). Contudo, apresentam diferenças nos comportamentos realizados anteriormente à aceleração, nas zonas onde se acelerou o jogo e na sua continuidade. As equipas de nível inferior aceleram o ataque após recuperação da posse da bola por ação defensiva seguida por passe (retardo -2, $z=2,59$) e marcam golo somente no retardo 2, com um jogador que não acelerou o jogo ($z=2,35$). Já as equipas de nível superior recuperam a bola por ação defensiva seguida por passe (retardo -2, $z=2,26$), desenvolvem a posse da bola por condução de bola (retardo -1, $z=2,26$), aceleram nas zonas mais próximas da área adversária (zonas 11, $z=2,71$, e 12, $z=4,61$) e marcam golo em qualquer um dos 3 retardos posteriores à aceleração (+1, $z=5,02$, +2, $z=7,98$ e +3, $z=2,02$), sempre com um jogador que não acelerou o jogo. Estes resultados sugerem que as equipas de nível mais elevado conseguem ter a bola em zonas propícias a estes movimentos, facilitando a marcação de golos através destes momentos de aceleração, talvez por isso marquem mais golos desta forma.

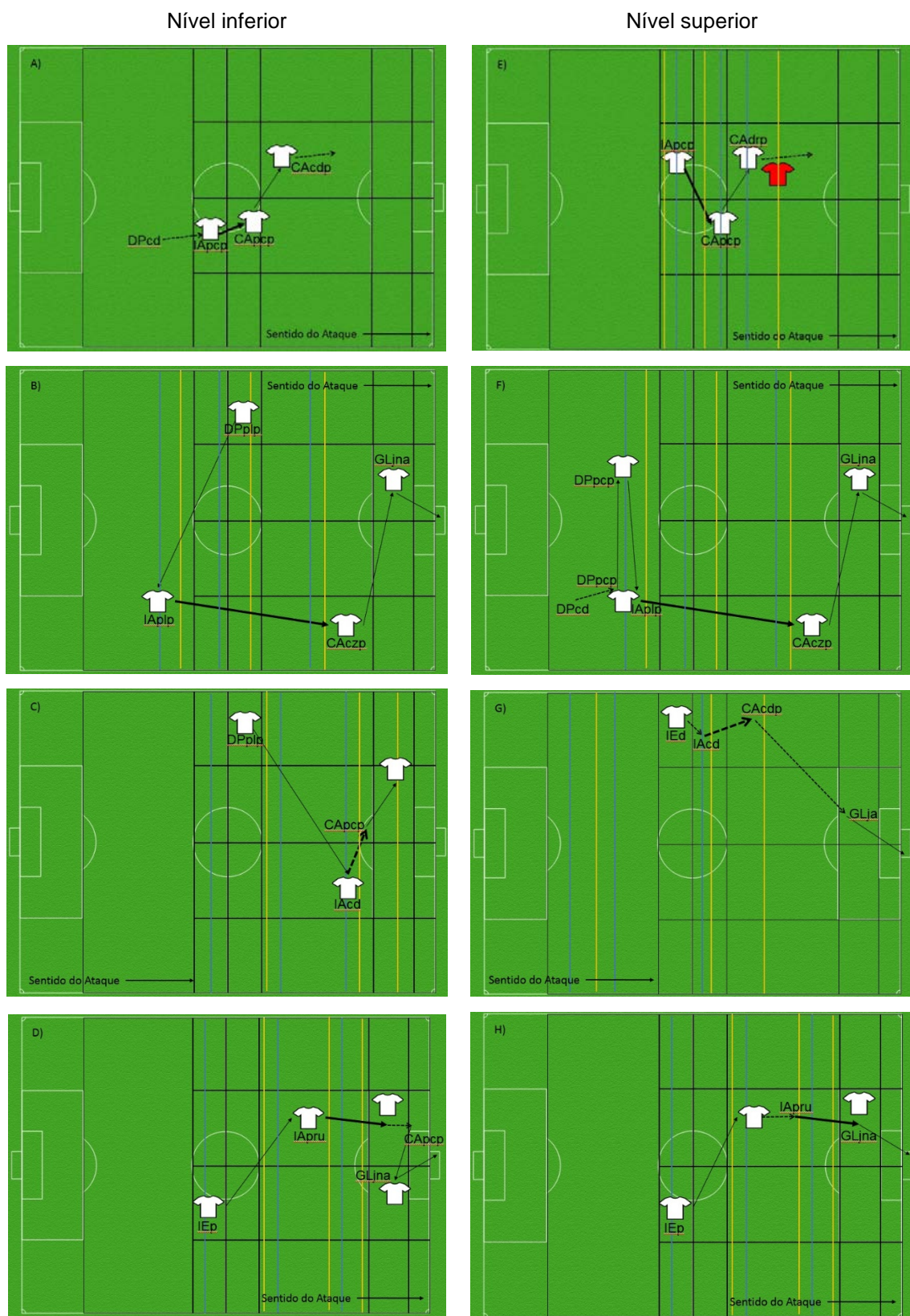


Figura 5 - Padrões de ataque durante os momentos de aceleração da fase ofensiva comparando-se os níveis das equipas.

Legenda: A) IApdp - Baixo; B) IApdp - Baixo; C) IAc - Baixo; D) IApru - Baixo; E) IApdp - Superior; F) IApdp - Superior; G) IAc - Superior e H) IApru - Superior. Linhas Azuis representam as linhas da equipa observada, enquanto as linhas amarelas representam as linhas do adversário.

Quadro 6 - Análise sequencial por níveis das equipas analisadas.

Nível Inferior - 75 golos								
Retardos			Zona	CEI	IA	Retardos		
-3	-2	-1				+1	+2	+3
-	-	DPcd (z=3,31)	4 (z=2,05)	-	IApcp	CAPcp (z=2,41)	CACdp (z=2,5)	-
-	DPplp (z=2,96) DPcd (z=1,96)	-	1 (z=3,26)	ATAD (z=5,3)	IAplp	CACzp (z=2,18)	GLjna (z=2,24)	-
-	-	DPplp (z=2,03)	12 (z=2,03)	ADM (z=2,99)	IAcd	-	CAPcp (z=2,04)	-
-	IEp (2,59)	-	-	MM (z=2,73)	IApru	-	GLjna (z=2,35)	-
Nível Superior - 214 golos								
-	-	-	3 (z=2,26)	ATAD (z=2,42)	IApcp	CAPcp (z=3,99)	CAdrp (z=2,19)	-
DPcd (z=1,96)	-	-	1 (z=4,93) 16 (z=2,43)	ATAD (z=4,13)	IAplp	CACzp (z=2,51)	CAPcp (z=1,96)	GLjna (z=2,54)
-	DPd (z=2,33)	IEd(z=2,05)	6 (z=2,54)	ADM (z=4,33)	IAcd	CACdp (z=4,77)	CACdp (z=4,65) GLja (z=2,23)	-
-	IEp (z=2,26)	DPcd (z=2,26)	11 (z=2,71) 12 (z=4,61)	MM (z=2,25)	IApru	GLjna (z=5,02)	GLjna (z=7,98)	GLjna (z=2,02)

Legenda: IA: Iniciação da aceleração; IEd: Recuperação da posse da bola por desarme; IILL: Recuperação da posse da bola por lançamento de linha lateral; IEp: Recuperação da posse de bola por ação defensiva seguida por passe; DPpcp: Desenvolvimento da posse da bola por passe curto positivo; DPd: Desenvolvimento da posse da bola por drible; DPplp: Desenvolvimento da posse da bola por passe curto positivo. ATAD: Bola encontra-se entre a linha atrasada da equipa observada e a linha adiantada adversária; MAD: Bola encontra-se entre a linha média da equipa observada e a linha adiantada adversária; ADM: Bola encontra-se entre a linha adiantada da equipa observada e a linha média adversária; MM: Bola encontra-se entre as linhas médias das equipas. CAPcp: Continuidade da aceleração por passe curto positivo; CACzp: Continuidade da aceleração por cruzamento positivo; CACdp: Continuidade da aceleração por condução de bola positiva; GLjna: Golo marcado por um jogador que não acelerou o jogo; GLja: Golo marcado pelo jogador que acelerou o jogo. Verificar zonas no campograma, critério 8 (Anexo 1).

Discussão

O presente estudo teve como objetivo identificar os padrões ofensivos realizados pelas equipas de futebol em ataques que resultam em golo. Pretendeu-se caracterizar e comparar os padrões ofensivos realizados por equipas de diferentes níveis, nos campeonatos nacionais de Portugal e Espanha na época 2015/2016. Este estudo forneceu informações importantes sobre os momentos de aceleração da fase ofensiva, demonstrando também algumas diferenças de acordo com o rendimento das equipas.

Buscando compreender os padrões ofensivos das equipas participantes da fase final da Liga dos Campeões (2015/2016 e 2016/2017), Leontijević, Janković e Tomić (2017) concluíram que não existe uma estrutura claramente definida de ações ofensivas que terminem com um remate à baliza nesta competição, o que dificultaria a análise da fase ofensiva das equipas. Porém, estes resultados são diferentes daqueles encontrados neste estudo, pois verificaram-se associações entre os comportamentos, contextos, zonas e os momentos de aceleração que resultaram em golo a favor, demonstrando que as equipas evidenciam padrões e estes podem ser analisados.

Neste sentido, Melo (2017), buscou compreender qual forma de atacar gera mais golos para as equipas, referindo que os momentos de aceleração produzem mais golos a favor do que as outras formas de marcar (sem momento de aceleração ou através de bola parada). Além disso, afirmou que os momentos de aceleração que mais geram golos a favor são aqueles iniciados por condução de bola, concordando com os resultados encontrados neste estudo em relação a todas as equipas analisadas.

Já Michailidis, Michailidis e Primpa (2013) ao analisar a fase final do Campeonato da Europa UEFA 2012, verificaram que o passe curto (<10m) foi a ação básica de final de ataque na maioria dos golos (18,4%), ficando o passe longo em segundo lugar (> 10m) (17,1%) e a condução de bola em terceiro lugar (14,5%). O presente estudo corrobora Michailidis et al. (2013) quando são somados os golos marcados após aceleração do jogo por passe curto positivo entre-linhas e por passe de ruptura frontal ou diagonal (considerando este

como uma ação de passe curto), com 145 golos marcados por passes curtos, sendo aproximadamente a metade dos golos analisados neste estudo. Já os passes longos ficaram em último lugar relativamente ao número de golos que origina (41 golos), com menos da metade dos golos marcados após ações individuais (96 golos). Talvez essas diferenças encontradas entre os estudos possam estar relacionadas com os critérios que definem passe curto e passe longo. Além disso, também é importante referir que no estudo de Michailidis et al. (2013), a condução de bola é a ação ofensiva que menos golos gera, sendo o oposto dos resultados encontrados Melo (2017). Talvez essa relação possa ser explicada pela retirada dos golos marcados sem momentos de aceleração do estudo de Melo (2017).

O presente estudo apresenta resultados semelhantes aos de Melo (2017), pois as ações coletivas de passe (passe curto entre-linhas e passe de ruptura) são aquelas que geram mais golos quando contabilizadas conjuntamente, porém são duas formas distintas e, ao analisar-se cada uma delas em separado, geram menos golos a favor do que as acelerações do ataque por condução de bola.

Quando analisar-se os padrões de comportamento que antecederam os momentos de aceleração verifica-se que os momentos de aceleração iniciados por condução de bola e por passe de ruptura são antecidos por recuperação da posse de bola em um dos 3 retardos anteriores, o que significa que roubam a posse da bola e logo aceleram o jogo, podendo caracterizar a utilização de contra-ataque para marcar golo. Concordando com estes resultados estão Leontijević, Janković e Tomić (2017) onde referem que por isso há um aumento no número de ataques iniciados no último terço do ofensivo, ou seja, a aplicação de alta pressão no início do ataque do oponente, que se tornou uma escolha mais frequente na organização defensiva.

Além disso, Mahony, Wheeler e Lyons (2012) acrescentam que as posses de bola que começaram na zona de ataque, têm maior probabilidade de terminar nesta mesma zona e de marcar golo, o que também está parcialmente de acordo com os resultados encontrados neste estudo, tendo em consideração que as acelerações realizadas por condução de bola e passe de ruptura

aconteciam após recuperação da posse de bola em zonas avançadas do terreno em um dos 3 retardos anteriores à aceleração.

Segundo Gonzalez-Rodenas, Lopez-Bondia, Calabuig, James & Aranda (2015) o maior número de oportunidades de marcar um golo foram criadas após a equipa recuperar a posse da bola em zonas ofensivas, jogando contra um baixo número de defensores adversários, avançando em contra-ataque. Porém, nas reinicializações de jogo, quando o adversário tinha um número elevado de defensores, as sequencias de passes eram mais longas e duravam mais tempo para criar oportunidades de golo. Estes resultados concordam com aqueles encontrados neste estudo, pois as acelerações iniciadas por ações de passe curto entre-linhas, são antecedidas por outras ações de passe (retardo - 2), o que sugere que as acelerações iniciadas desta forma são utilizadas quando a equipa adversária está organizada defensivamente, havendo trocas de passes até que haja espaço entre-linhas para um jogador receber a bola, sendo esta uma ação de passe, também.

Em relação as zonas usadas pelas equipas na fase ofensiva, Camerino et al. (2012) constatou a existência de padrões de posse de bola da equipa do FCB, sendo mantida na zona central antes de ser jogada para a frente, estando de acordo com os resultados deste estudo para as ações de passe, porém diferem para a condução de bola. Neste sentido verifica-se que os momentos de aceleração iniciados por passe de ruptura frontal ou diagonal são realizados no corredor central, em frente à área adversária (zonas 11 e 12). Já as acelerações iniciadas por condução de bola aconteciam nos corredores laterais (zonas 10,13 e 14), concordando com os resultados de Barreira et al. (2013).

Já, Tenga, Holme, Ronglan e Bahr (2010) e Gonzalez-Rodenas, Lopez-Bondia, Calabuig, James & Aranda (2015), referindo que a utilização de contra-ataques é associada ao desequilíbrio defensivo adversário, pois as equipas aproveitam-se deste estado do oponente para entrar nos espaços e criar oportunidade de golo, sem exigir a circulação da bola. Porém, o mesmo não acontece quando confrontam equipas equilibradas defensivamente, nestes casos as equipas precisam trocar mais passes até que o adversário desorganize-se, para que aproveitem espaços livres para entrar e poder finalizar. Estas conclusões também estão de acordo com os resultados encontrados neste trabalho,

porque as equipas aceleram o jogo destas formas quando a bola está entre as linhas médias das equipas ou entre a linha adiantada da equipa observada e a linha média adversária, demonstrando que o adversário tem menos jogadores para defender a baliza e por isso existe mais espaço para avançar no terreno de jogo.

Porém, quando o adversário tem todos os seus jogadores atrás da linha da bola, as equipas aceleram o jogo por passe curto positivo entre-linhas ou por passe longo positivo, sendo que os momentos de aceleração iniciados por passe curto positivo entre-linhas são antecidos por ações de passe curto, sendo estes ataques elaborados, demonstrando que quando a equipa adversária está organizada defensivamente, as equipas em fase ofensiva preferem utilizar o ataque posicional, pois é uma necessidade, precisam circular até que haja condições para acelerar o jogo.

Entretanto, outra forma utilizada pelas equipas, segundo Mahony, Wheeler e Lyons (2012) é o passe direto de zonas mais defensivas para zonas atacantes, mas que estas não geravam tantos golos quanto as posses de bola iniciadas em zonas ofensivas, mais uma vez concordando com os resultados encontrados, pois uma alternativa que as equipas tem ao não conseguir desequilibrar o adversário é realizar passes longos para zonas de finalização, porém esta forma de acelerar o jogo é a que origina menos golos a favor.

Comparação de níveis

Quando as equipas observadas são separadas por níveis, verifica-se que os resultados diferem daqueles encontrados com os grupos analisados conjuntamente. Nesta comparação, as equipas de nível superior marcam mais golos (214 golos) por momento de aceleração do que aquelas classificadas como de nível inferior (75 golos). Além disso, as de nível inferior marcam mais golos com momento de aceleração iniciado por condução de bola (38 golos), enquanto as equipas de nível superior marcam mais golos após aceleração por passe de ruptura frontal ou diagonal (63 golos), seguida por condução de bola (61 golos).

Em um estudo realizado por Machado, Barreira e Garganta (2014), os autores concluíram que a eficácia ofensiva das melhores equipas participantes do Campeonato do Mundo 2010 não se resume aos métodos e aos estilos de jogo utilizados, mas parece estar relacionada com a variação dos métodos de acordo com os constrangimentos impostos pelos adversários na mesma ou em diferentes partidas. Neste estudo, verifica-se que as equipas de nível alto marcaram muitos golos de todas as formas de acelerar o jogo, o que pode ser considerado um indicador de variabilidade, porém em cada uma das formas de acelerar o jogo houveram mais regularidades do que as equipas de nível inferior apresentaram, tendo zonas e contextos espaciais associados às formas de acelerar o jogo.

Além disso, Barreira et al. (2013) verificaram que as seleções nacionais evidenciam padrões ofensivos e estes alteraram-se ao longo do tempo, passando de comportamentos essencialmente individuais pelo corredor central executados na década de 1982-1990 para ações coletivas com passes curtos entre os anos 2002 e 2010, por haver maior dificuldade de criar contextos numéricos favoráveis no centro de jogo, fazendo com que as equipas utilizem mais os corredores laterais e cruzamentos para penetrar em zonas de finalização, demonstrando que existem padrões e que estes demonstram alterações com o tempo. Os resultados deste trabalho sugerem que as equipas de maior nível utilizam ambas as formas, realizando sequencias coletivas pelo corredor central ou individuais pelos corredores laterais, havendo maior repertório de ações destas equipas.

Quando analisa-se as formas de acelerar o jogo, verifica-se que as acelerações iniciadas por passe curto positivo entre-linhas são similares em ambos os grupos, sendo realizadas no corredor central e continuada por passe e ações individuais de condução de bola, mas apresentam diferenças no contexto espacial de interação, sendo importante referir que as equipas de nível baixo não apresentam associações entre o contexto e esta forma de acelerar o jogo, enquanto as consideradas de nível superior tem os jogadores de defesa como responsáveis pelo início da aceleração, exigindo destes determinadas capacidades para acelerar o jogo através do passe, concordando com os achados de Almeida (2016), onde este refere que os defesas de equipas de

elite precisam ter estas capacidades para estarem no alto rendimento desta modalidade.

Porém, é exigido dos defesas em ambos os níveis que tenham qualidade de passe longo, pois as acelerações iniciadas por esta ação, ocorrem com a bola entre a linha atrasada da equipa observada e a linha adiantada adversária em ambos os grupos, além de estarem em zonas recuadas do terreno de jogo, estando de acordo com o trabalho de Almeida (2016). Além disso, os resultados sugerem que o passe longo seja realizado para os corredores laterais, pois as equipas de ambos os grupos continuam a aceleração com cruzamento.

Ao analisar as acelerações iniciadas por condução de bola nos diferentes grupos, verifica-se que as equipas de nível baixo realizam passe longo para o corredor central, fazendo com que a bola esteja entre a linha adiantada da equipa observada e a linha média adversária, onde o jogo é acelerado, continuando por passe curto positivo, sendo estas ações realizadas por equipas na década de 1982-1990 como referem Barreira et al. (2013). Enquanto as equipas de nível superior realizam uma sequência de ações individuais, sendo o desenvolvimento da posse da bola por drible ou a recuperação da posse da bola por desarme os comportamentos antecessores à aceleração, também quando a bola encontra-se entre a linha adiantada da equipa observada e a linha média adversária. Estas diferenças sugerem maior dificuldade de sucesso para as equipas de nível inferior, porque os jogadores recebem um passe longo e aceleram no corredor central, onde normalmente o adversário tem muitos jogadores. Já as equipas de nível superior recuperam a posse da bola e aceleram pelo corredor lateral, onde, provavelmente o adversário tenha poucos jogadores, proporcionando situações de 1x1. Estes achados também concordam com Almeida (2016), onde este refere que os avançados necessitam ter capacidade de criar desequilíbrios/espacos em situações de 1x1 e 1x2 para si e/ou colegas.

Quando analisados os golos marcados após iniciação da aceleração por passe de ruptura frontal ou diagonal, verifica-se que existem algumas semelhanças e diferenças entre os grupos. Ambas aceleram desta forma após recuperar a posse da bola por ação defensiva seguida por passe, com a bola entre as

linhas médias das equipas e marcam no retardo 2. Porém, as equipas de nível baixo não apresentam mais associações entre os comportamentos anteriores a aceleração, além de não utilizarem preferencialmente nenhuma zona e só associarem o golo marcado no retardo 2. Enquanto as equipas de nível superior apresentam muitos padrões para esta forma de acelerar o jogo, onde normalmente recuperam a posse da bola por ação defensiva seguida por passe, conduzem a bola para as zonas 11 ou 12 e aceleram o jogo, marcando em qualquer um dos 3 retardos posteriores à aceleração que foram analisados. A utilização destas zonas para acelerar o jogo parece ser determinante para o sucesso desta ação e talvez explique a diferença de golos marcados por cada um dos grupos nesta forma de acelerar o ataque.

Por fim, importa referir que as equipas de nível mais elevado parecem utilizar as melhores zonas e melhores contextos espaciais de interação para cada forma de acelerar o jogo, o que pode ser um indicador de racionalidade no jogo, pois criam estas situações e utilizam, e talvez por este motivo marquem mais golos através de momentos de aceleração do que as equipas de nível inferior.

Conclusões

Este estudo mostra que os momentos de aceleração são determinantes para o sucesso competitivo das equipas, pois nas competições analisadas as equipas de nível superior foram aquelas que marcaram mais golos após momento de aceleração da fase ofensiva.

Os golos foram marcados maioritariamente após ações coletivas, com passes, e nestas ações mais golos foram marcados após acelerações iniciadas com passes curtos. As equipas de nível baixo utilizam mais a aceleração iniciada por condução de bola e normalmente aceleram o jogo pelo corredor central. Já as equipas de nível superior aceleram mais vezes através de passe de ruptura frontal ou diagonal, utilizando na maioria das formas de acelerar o jogo o corredor central, porém utilizam o corredor lateral para acelerar o jogo por condução de bola.

Além disso, o trabalho também evidencia que as equipas apresentam associações entre os comportamentos, sendo as equipas de nível superior aquelas que apresentam mais associações entre cada uma das formas de acelerar o jogo e os comportamentos, zonas e contextos espaciais de interação. Neste sentido, verificou-se que as zonas e os contextos espaciais de interação são determinantes para o acontecimento destes momentos de aceleração, pois podem reunir condições que facilitem as ações dos jogadores. Pois as equipas de nível superior utilizam as zonas e os contextos espaciais de interação mais favoráveis para cada uma das formas de acelerar o jogo, aproveitando-se de espaços e configurações do adversário para obter alguma vantagem no jogo. Talvez joguem de forma a criar estas condições para que possam desequilibrar o adversário, acelerar o jogo e marcar.

Também é possível determinar que a configuração do adversário é determinante para o jogo das equipas, pois quando as equipas têm a linha adiantada do adversário a sua frente, tendem a utilizar o ataque posicional, tendo sequencias de passes ou condução de bola como comportamentos anteriores à aceleração, enquanto as acelerações iniciadas somente com a linha média do adversário pela frente são antecedidas por recuperação da posse de bola, sugerindo que as equipas acelerem o jogo aproveitando a desorganização adversária, contra-atacando.

Além disso, as equipas de nível superior exigem dos seus defensores maior qualidade de passe, para que possam desequilibrar o adversário através da aceleração do jogo, pois é demonstrado neste estudo que os jogadores da linha defensiva da equipa observada são responsáveis por acelerar o jogo por passe curto entre-linhas ou por passe longo positivo, enquanto nas equipas de nível baixo estes jogadores são responsáveis somente pelas acelerações iniciadas por passe longo.

Por fim, é fundamental que os estudiosos do futebol tenham conhecimento sobre estes momentos, pois assim poderão intervir no treino e no jogo de forma a que consigam fazer as equipas aproveitem melhor estas situações e marquem mais golos.

Referências

- Almeida, C. F. (2016). *Caracterização das competências dos jogadores de futebol relativo aos diferentes estatutos posicionais*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Anguera Argilaga, M. ^a. T., Blanco Villaseñor, A., & Losada López, J. L. (2001). Diseños observacionales, cuestión clave en el procesode la Metodología Observacional. *Metodología de las Ciencias del Comportamiento*, 3(2), 135-160.
- Gabin, B., Camerino, O., Anguera, M. T., & Castañer, M. (2012). Lince: multiplatform sport analysis software. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 46, 4692-4694.
- Anguera, M. T. (1986). *La investigación cualitativa*. *Educación*, (10), 23-50.
- Anguera, M. T. A., Blanco, A. V., Hernandez, A. M., & Losada, J. L. L. (2011). Diseños observacionales: ajuste y aplicación en psicología del deporte. *Cuadernos de psicología del deporte*, 11(2), 63-76.
- Anguera, M. T. (1990). Metodología observacional. En J. Arnau, M. T. Anguera y J. G. Benito (Eds.), *Metodología de la investigación en ciencias del comportamiento* (pp. 125-236). Murcia: Universidad de Murcia.
- Anguera, M. T., & Mendo, A. H. (2015). Técnicas de análisis en estudios observacionales en ciencias del deporte. *Cuadernos de psicología del deporte*, 15(1), 13-30.
- Barreira, D. (2013). *Tendências evolutivas da dinâmica tática em Futebol de alto rendimento. Estudo da fase ofensiva nos Campeonatos da Europa e do Mundo, entre 1982 e 2010*. Porto: Daniel Barreira. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Barreira, D., Garganta, J., & Anguera, M. T., (2013). Futebol. In J. Garganta, J. Prudente & T. Anguera (Eds.), *Avaliação da Performance em Jogos Desportivos Coletivos* (pp. 134-209). Porto: Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto (CIFI2D).

- Barreira, D., Garganta, J., Prudente, J., & Anguera, M. T. (2012). Desenvolvimento e validação de um sistema de observação aplicado à fase ofensiva em Futebol: SoccerEye. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 12(3), 32-57.
- Camerino, O. F., Chaverri, J., Anguera, M. T., & Jonsson, G. K. (2012). Dynamics of the game in soccer: Detection of T-patterns. *European Journal of Sport Science*, 12(3), 216-224.
- Castellano, J., Casamichana, D., & Lago, C. (2012). The use of match statistics that discriminate between successful and unsuccessful soccer teams. *Journal of human kinetics*, 31, 137-147.
- Castellano, J., Hernández-Mendo, A. y Haro, J. A. (2002). Mapas socioconductuales de la selección Francesa en el Mundial de fútbol de Francia'98. *Revista de Psicología del Deporte*, 11(1), 35-51.
- Gabin, B., Camerino, O., Anguera, M. T., & Castañer, M. (2012). Lince: multiplatform sport analysis software. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 46, 4692-4694.
- Garganta, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. *Revista portuguesa de ciências do desporto*, 1(1), 57-64.
- Gonzalez-Rodenas, J., Lopez-Bondia, I., Calabuig, F., James, N., & Aranda, R. (2015). Association between playing tactics and creating scoring opportunities in elite football. A case study in Spanish Football National Team.
- Lago, C. y Anguera, M. T. (2003). Utilización del análisis secuencial en el estudio de las interacciones entre jugadores en el fútbol de rendimiento. *Revista de Psicología del Deporte*, 12(1), 27-37.
- Leontijević, B., Janković, A., & Tomić, L. (2017). Tactics of attack of football teams in the Champions League knockout phase in seasons of 2015/2016 and 2016/2017. *Fizička kultura*, 71(2), 137-144.

- Machado, J. C., Barreira, D., & Garganta, J. (2014). The influence of match status on attacking patterns of play in elite soccer teams. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 16(5), 545-554.
- Mahony, L. E., Wheeler, K. W., & Lyons, K. (2012). Analysis of Factors Determining Invasion into Attacking Areas and the Creation of Goal-Scoring Opportunities in the Asian Cup Football Competition. *Asian Journal of Exercise & Sports Science*, 9(1).
- Melo, L. H. C. (2017). *Organización ofensiva em el juego del Fútbol. Indicadores de los momentos de aceleración en los equipos de Fútbol de alto rendimiento*. Porto: Luis Herney Melo Castro. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Michailidis, Y., Michailidis, C., & Primpá, E. (2013). Analysis of goals scored in European Championship 2012.
- Sarmiento, H., Marcelino, R., Anguera, M. T., Campaniço, J., Matos, N., & Leitão, J. C. (2014). Match analysis in football: a systematic review. *Journal of sports sciences*, 32(20), 1831-1843.
- Tenga, A., Holme, I., Ronglan, L. T., & Bahr, R. (2010). Effect of playing tactics on achieving score-box possessions in a random series of team possessions from Norwegian professional soccer matches. *Journal of sports sciences*, 28(3), 245-255.
- The football platform for the people who live for the beautiful game. (2017). Wyscout Consult. 10 Jan 2017, disponível em <https://wyscout.com/>

Capítulo III

Estudo II

Estudo II

Análise dos golos marcados através de momentos de aceleração da fase ofensiva em equipas de dos campeonatos nacionais Espanhol e Português (1ª divisão) 2015/2016

Resumo

Este estudo teve como objetivo comparar os padrões de comportamento de equipas espanholas e portuguesas antes, durante e após os momentos de aceleração que resultaram em golo a favor, assim como buscou compreender a relação entre os comportamentos, zonas e contextos espaciais de interação em cada uma das formas de acelerar o jogo ofensivamente. Para isso, foram analisadas as 6 equipas (3 espanholas e 3 portuguesas) mais bem classificadas em cada um dos respectivos campeonatos nacionais disputados em 2015/2016. Para registro dos dados utilizou-se o software multiplataforma LINCE, enquanto para a análise dos dados foram utilizados os softwares SDIS-GSEQ (versão 5.1) e IBM SPSS Statistics (versão 25), onde realizaram-se a análise sequencial e regressão logística multinomial, respectivamente. Os resultados demonstram que as equipas espanholas de nível superior marcaram mais golos (129 golos) após aceleração do jogo do que as portuguesas (85 golos), e que os golos aconteceram mais vezes para as equipas espanholas após acelerar o jogo por passe de ruptura frontal ou diagonal (44 golos), enquanto as portuguesas marcaram mais após passe curto positivo entre-linhas (31 golos). Além disso, também está evidente que a forma de acelerar o jogo que gerou menos golos a favor de ambos os grupos foi aquela iniciada por passe longo (16 golos espanhóis e 15 portugueses). O contexto espacial de interação ($p=0,00$) é o que mais influencia na utilização dos momentos de aceleração, seguido das zonas e por último, os comportamentos. As equipas espanholas são aquelas que aceleram o jogo em zonas e contextos mais favoráveis a cada momentos de aceleração, facilitando a marcação de golo e por isso marcam mais golos através destes momentos de que as equipas portuguesas.

Palavras-Chave: FUTEBOL, FASE OFENSIVA, EFICÁCIA, MOMENTOS DE ACELERAÇÃO, METODOLOGIA OBSERVACIONAL.

Abstract

This study aimed to compare the behavior patterns of Spanish and Portuguese teams before, during and after the moments of acceleration that resulted in goal in favor, as well as sought to understand the relationship between spatial behaviors, zones and contexts of interaction and each one ways to accelerate the game offensively. For this, the 6 teams (3 Spanish and 3 Portuguese) were analyzed and ranked the best in each of the respectively national championships played in 2015/2016. The software was used to data record was the multiplatform software LINCE, for the sequential analysis was used the software SDIS-GSEQ (version 5.1) and for the multinomial logistic regression was performed in the IBM SPSS Statistics. The results show that the Spanish top-level teams scored more goals (129 goals) after accelerating the game than the Portuguese (85 goals), and that the goals happened more often for the Spanish teams after accelerating the game by a frontal break (44 goals), while the Portuguese scored more after a short positive pass between the lines (31 goals). In addition, it is also evident that the way to accelerate the game that generated the least goals in favor of both groups was that initiated by long pass (16 Spanish and 15 Portuguese goals). The spatial interaction context ($p=0.00$) is the one that most influences the use of the acceleration moments, followed by the zones and, finally, the behaviors. The Spanish teams are those that accelerate the game in zones and contexts more favorable to each moment of acceleration, facilitating the scoring of goal and therefore score more goals through these moments than the portuguese teams.

Key words: SOCCER, ATTACKING PHASE, EFFECTIVENESS, ACCELERATION MOMENTS, OBSERVATIONAL METHODOLOGY

Introdução

Garganta (2008) refere que o futebol tem sido ensinado, treinado e investigado de acordo com diferentes concepções sobre o conteúdo do jogo e das características do ensino-treino. Sendo a sua essência primeira o confronto entre grupos com objetivos opostos, formado por pessoas que interagem entre si com objetivos comuns, balizados por um regulamento determinado (Silva, Sánchez, Garganta & Anguera, 2005).

Neste sentido, Pivetti (2012) defende que o jogo acontece em um contexto caótico, imprevisível e aleatório, onde as equipas precisam criar uma organização coletiva para que possa haver comunicação entre os seus componentes na busca pelos seus objetivos, e que esta ordem pode ser caracterizada a partir da observação dos padrões comportamentais evidenciados pela equipa em jogo.

Buscando compreender a ordem existente no jogo de futebol, Garganta e Gréhaigne (1999) defendem que há interação entre duas dimensões, uma mais previsível referente aos princípios e leis de jogo, e outra mais imprevisível relacionada com a autonomia dos jogadores, havendo diversidade e singularidade espaço-temporal dos acontecimentos.

Sendo assim, Sarmiento et al. (2018) mostram que pesquisadores dedicam-se na busca por uma compreensão mais ampla sobre os padrões de comportamento das equipas de futebol. Porque para entender o desenvolvimento do jogo é preciso perceber os comportamentos que testemunhem a eficiência e eficácia dos jogadores e das equipas nas diferentes fases/momentos do jogo (Garganta & Cunha e Silva, 2000).

Segundo Barreira (2006) existem duas fases distintas no jogo de futebol, definidas de acordo com a posse da bola, sendo a fase defensiva caracterizada pela situação da equipa não ter a posse da bola, enquanto a fase ofensiva caracteriza-se pela equipa ser possuidora da posse da bola. Sendo assim, o estudo realizado por Cerqueira et al. (2014) teve como objetivo definir qual aspecto é mais importante para “medir” a qualidade das equipas, sendo separados em dois aspectos de acordo com as fases do jogo: ofensivo ou

defensivo. Os resultados deste estudo demonstraram que, em todas as ligas analisadas (Alemanha, Espanha, Inglaterra e Itália), os aspectos ofensivos exercem mais influência sobre a qualidade das equipas, pois este é o que determina a capacidade das equipas marcarem golo.

Neste sentido, Melo (2017) refere que as equipas marcam golos de três formas diferentes: com momento de aceleração, sem momento de aceleração e através de bolas paradas. Este mesmo autor acrescenta que as equipas marcam mais golos através da criação de momentos de aceleração da fase ofensiva. Estes momentos são considerados situações tácticas, dinâmicas, que provocam situações de crise, desequilibrando a equipa em fase defensiva, através da conquista de seu(s) espaço(s), fazendo progredir a bola com rapidez e eficácia no sentido da baliza, até marcar golo. Este mesmo autor acrescenta que estes momentos precisam de um todo para acontecer e que estes são aqueles que mais geram golo a favor.

Porém, na revisão realizada neste trabalho, verificou-se que a literatura científica carece de trabalhos dedicados a compreensão dos comportamentos realizados por jogadores e equipas de topo nos momentos de aceleração da fase ofensiva.

Sendo assim, quais são os comportamentos que geram os momentos de aceleração que resultaram golo a favor em equipas de topo? E será que estes padrões são os mesmos em equipas de topo de diferentes países?

Este trabalho pretende responder estas questões tendo como objetivo analisar os momentos de aceleração da fase ofensiva executado por equipas de topo de Portugal e Espanha por meio da análise sequencial de retardos e compreender como as equipas de elite destes países utilizam esses momentos, verificando os comportamentos realizados antes e depois dos momentos de aceleração, bem como as zonas e o contexto espacial de interação no momento em que o ataque foi acelerado, e por fim, comparar estes resultados dos diferentes países.

Métodos

Desenho Observacional

Buscando atingir os objetivos planeados para o trabalho é preciso escolher uma metodologia capaz de resolver o problema do estudo, havendo necessidade, neste caso de ser utilizada a metodologia observacional, por esta apresenta quatro características fundamentais : 1) comportamento espontâneo e habitual, 2) contexto natural e habitual, 3) flexibilidade dos instrumentos, e 4) perceptividade (Anguera, 2010).

Neste sentido, utilizou-se como técnica indireta a observação de condutas a partir de indicadores formulados previamente, objetivando realizar uma análise qualitativa dos comportamentos realizados em jogo (Anguera, 1986).

Além disso, Anguera, Blanco e Losada (2001), referem que o desenho deste estudo é do tipo nomotético/seguimento/multidimensional, porque registram-se os comportamentos dos jogadores/equipa em interação contínua com o adversário (nomotético), sendo os dados registrados ao longo dos jogos (seguimento) e por haver um misto de formato de campo com sistemas de categorias, criando vários níveis de respostas analisadas (multidimensional).

Participantes

Observaram-se 204 jogos, disputadas por 6 equipas em duas ligas de futebol profissional: de Espanha e Portugal (La Liga e Liga NOS, respectivamente), na época 2015/2016 (Quadro 7), sendo escolhidas as 3 equipas mais bem classificadas de cada competição. Realizando-se uma comparação entre as diferentes ligas (La Liga e Liga NOS), como refere Sarmento et al. (2014). Sendo analisadas somente as 3 equipas mais bem classificadas no final da competição, considerando que estas são equipas de topo de cada um dos seus países. Registraram-se 215 golos marcados com momentos de aceleração, sendo registradas e analisadas as sequencias de todos os golos.

Quadro 7 - Equipas observadas.

Liga Espanhola (La Liga 2015/16)	Liga Portuguesa (Liga NOS 2015/16)
Futbol Club Barcelona	Sport Lisboa e Benfica
Real Madrid Club de Fútbol	Sporting Clube de Portugal
Club Atlético de Madrid	Futebol Clube do Porto

Instrumentos

Instrumento de Observação

Para que a observação pudesse atender as demandas do trabalho em questão utilizou-se uma adaptação do modelo teórico desenvolvido por Barreira et al. (2012), para que se possa definir a fase do jogo analisada, pois o primeiro pré-requisito para marcar golo é a equipa ter a posse da bola (a menos que seja marcado um auto-golo), sendo assim, o momento de aceleração ocorre na fase ofensiva e encontra-se após a Transição-Estado defesa/ataque ou o desenvolvimento da posse da bola.

Além disso, foram realizadas adaptações nos sistemas de observação *SoccerEye* (Barreira, Garganta, Prudente & Anguera, 2012) e de Melo (2017) (Anexo 1), tendo em vista as particularidades dos momentos de aceleração da fase ofensiva. Assim o sistema constitui-se por 8 critérios de observação, nomeadamente: 1- Início da fase ofensiva/recuperação da posse de bola (I); 2- Desenvolvimento da Transição-Estado defesa/ataque (DT); 3- Desenvolvimento da Posse de Bola (Prévio ao momento de aceleração) (DP); 4- Iniciação do momento de aceleração (IA); 5- Desenvolvimento do momento de aceleração (CA); 6- Final da fase ofensiva com golo a favor (GL); 7- Configuração espacial de interação entre as equipas no momento de aceleração (CEI); 8- Espacialização do terreno de jogo (ETJ).

Instrumento de Registro

Para ter acesso às partidas recorreu-se ao site “www.wyscout.com”, propriedade da empresa Wyscout S.p.A. Por apresentar versatilidade na observação, foi utilizado para registro dos dados o *software* multiplataforma

LINCE. Por fim, após a recolha dos dados, estes foram exportados para o *software* SDIS-GSEQ de Bakeman e Quera (Gabin, Camerino, Anguera, & Castañer, 2012), para que seja possível realizar a análise sequencial de retardos.

Procedimentos

Tendo como referencia (conduta critério) o momento em que o jogo foi acelerado, foram analisados os comportamentos realizados antes e depois destes momentos até o golo. Enquanto, no instante em que o jogo foi acelerado, registrou-se a zona do campograma em que a bola estava, o contexto espacial de interação e o momento de aceleração utilizado. Juntamente com todos os dados recolhidos foram registradas as nacionalidades das equipas observadas, possibilitando a diferenciação das mesmas, posteriormente.

Qualidade dos dados

O Índice Kappa de Cohen foi calculado com o objetivo de verificar a fiabilidade intra-observador reavaliando-se 42 golos, referentes à 19,5% do total da amostra observada, com um intervalo de tempo entre observações de 25 dias, buscando minimizar a interferência entre as observações. Os resultados mostram valores de Kappa superiores a 0.80 para os momentos de aceleração observados, bem como para as diferentes ligas.

Quadro 8 - Fiabilidade Intra-observador.

Ligas Analisadas	Kappa (Erro padrão)	Intervalo de Confiança 95%
Espanha (Liga BBVA)	0,95 (0,043)	0,000
Portugal (Liga NOS)	0,91 (0,043)	0,000

Análise de dados

Foi utilizada a análise descritiva para verificar a distribuição de valores dos diferentes momentos de aceleração, através das frequências de ocorrência dos comportamentos. Com objetivo de detectar os padrões de conduta ocorridos

com probabilidade maior do que o azar, foi utilizada a análise sequencial de retardos (*lag-method*) (Anguera, 1990; Castellano, Hernández-Mendo & Haro, 2002; Lago & Anguera, 2003), com valor de prova $p < 0,05$ ($z > 1,96$). Além disso, foi usada a regressão logística multinomial para estimar a associação entre os comportamentos, zonas e contextos espaciais de interação e os momentos de aceleração. Para isso foi utilizado o software IBM SPSS statistics 25, com significância estatística estabelecida em $p < 0.05$. Com objetivo de manter a qualidade dos dados nesta análise foram retirados todas as variáveis independentes que apresentassem 5 ou menos comportamentos realizados em todos os golos marcados, tendo em vista que não seriam capazes de prever os momentos de aceleração por acontecerem poucas vezes e porque incluíam demasiado ruído para o teste, interferindo na qualidade dos resultados.

Importa, também, referir que o passe curto entre-linhas foi utilizado como referencia para a regressão logística multinomial por ser o primeiro utilizado no estudo e, principalmente, por apresentar resultados mais equilibrados e coerentes com o que o teste estatístico exige.

Resultados

Os resultados da investigação serão listados de acordo com o teste utilizado, iniciando pela análise descritiva, seguido pela regressão logística multinomial e por último a análise sequencial.

Análise descritiva

Ao analisar os resultados das equipas participantes deste estudo, verifica-se que as equipas espanholas marcaram mais golos após aceleração do ataque (129 golos) do que as portuguesas (85 golos), e que os golos aconteceram mais vezes para as equipas espanholas após acelerar o jogo por passe de ruptura frontal ou diagonal (44 golos), enquanto as portuguesas marcaram mais após passe curto positivo entre-linhas (31 golos).

Além disso, também está evidente que a forma de acelerar o jogo que gerou menos golos a favor para ambos os grupos foi aquela iniciada por passe longo positivo (16 golos espanhóis e 15 portugueses).

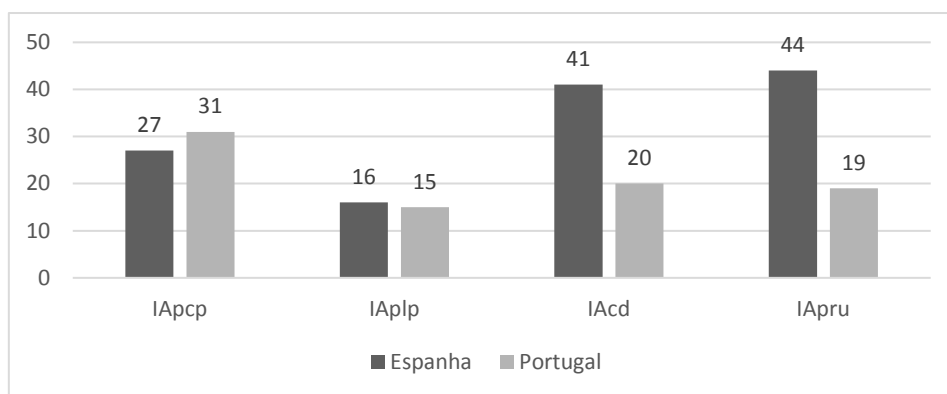


Figura 6 - Golos marcados em cada momento de aceleração em diferentes ligas.

Legenda: IApcp: Iniciação da aceleração por passe curto positivo entre-linhas; IAplp: Iniciação da aceleração por passe longo positivo; IAcd: Iniciação da aceleração por condução de bola; IApru: Iniciação da aceleração por passe de ruptura frontal ou diagonal.

Obs.: A Liga Portuguesa de Futebol apresenta 2 participantes a menos do que a Liga Espanhola, por isso as equipas jogam 4 partidas a menos na temporada.

Regressão logística multinomial

Com o objetivo de elencar os comportamentos, zonas e contextos espaciais de interação que melhor explicam os momentos de aceleração, realizou-se uma regressão logística multinomial, tendo o momento de aceleração iniciado por passe curto entre-linhas como categoria referência. Sendo assim, os resultados de cada momento de aceleração serão apresentados no Quadro 11 e estes têm sempre como referência o momento de aceleração iniciado por passe curto entre-linhas.

Ao analisar os comportamentos, zonas e contextos espaciais de interação e os momentos de aceleração, verifica-se que o modelo de variáveis independentes explica 64,8% (R quadrado de Nagelkerke) (Quadro 9) das alterações que ocorrem nos momentos de aceleração da fase ofensiva (variável dependente).

Quadro 9 - Pseudo R quadrado

Cox e Snell	,605
Nagelkerke	,648
McFadden	,343

Os momentos de aceleração iniciados por passe longo positivo apresentam diferenças significativas em relação a zona 8 ($p=0,026$) e aos contextos

espaciais de interação bola entre a linha atrasada da quipa observada e a linha média adversária (ATAD), entre a linha média da equipa observada e a linha adiantada adversária (MAD) e entre as linhas médias das equipas (MM) (todos com $p=0,00$) quando comparados aos momentos de aceleração iniciados por passe curto positivo entre-linhas. Sendo que a zona 8 é mais utilizada nas acelerações iniciadas por passe curto entre-linhas do que por passe longo positivo ($\text{Exp}=0,023$), enquanto os contextos espaciais de interação acima mencionados são mais utilizados nas acelerações por passe longo positivo (MAD, $\text{Exp}=8,295$, MM, $\text{Exp}=2,156$ e ATAD, $\text{Exp}=5,319$). Também importa referenciar que apesar de não haver significância estatística, a zona 3 ($p=0,124$) foi mais utilizada por acelerações iniciadas por passe curto entre-linhas do que por passe longo positivo ($\text{Exp}=0,117$), ambas as zonas (3 e 8) estão no corredor central, parecendo haver preferência das equipas por acelerar o jogo dessa forma neste corredor.

Ao analisar os momentos de aceleração iniciados por condução de bola, verifica-se que houve diferença estatisticamente significativa para as recuperações de bola por interceptação ($p=0,029$, $\text{Exp}=0,077$) e nos contextos espaciais de interação MM ($p=0,00$, $\text{Exp}=9,872$) e entre a linha adiantada da equipa observada e a linha média adversária (ADM) ($p=0,00$, $\text{Exp}=5,415$). Para as recuperações de posse de bola realizadas através de interceptação de passe os momentos de aceleração iniciados por passe curto entre-linhas apresentam maiores associações do que aqueles iniciados por condução de bola. Já os contextos espaciais de interação referenciados anteriormente são melhores preditores dos momentos de aceleração iniciados por condução de bola. Além disso, é curioso demonstrar alguns resultados, mesmo que sem diferenças significativas, como a recuperação de bola por desarme ($p=0,157$, $\text{Exp}=4,386$) que apresentam probabilidade 4 vezes maior de acontecer nos momentos de aceleração iniciados por condução de bola do que na categoria referência. Já a zona 8 ($p=0,065$, $\text{Exp}=0,135$) e o desenvolvimento da posse da bola por condução ($p=0,068$, $\text{Exp}=0,385$), são melhores preditores para os momentos de aceleração iniciados por passe curto entre-linhas, o que é curioso para o desenvolvimento da posse de bola por condução, pois esse comportamento é associado na análise sequencial ao momento de aceleração

por condução de bola, mas aqui os resultados apresentam este comportamento prediz melhor as acelerações iniciadas por passe curto entre-linhas, o que pode sugerir que existe um jogador sem marcação que conduz a bola esperando que algum companheiro de equipa ocupe um espaço entre-linhas para passar a bola.

O momento de aceleração iniciado por passe de ruptura frontal ou diagonal apresenta diferenças estatisticamente significativas em relação aos iniciados por passe curto entre-linhas para as recuperações de bola seguidas por passe ($p=0,04$, $Exp=4,502$), zona 12 ($p=0,035$, $Exp=14,802$) e os contextos espaciais de interação MAD ($p=0,00$, $Exp=1,284$), MM ($p=0,00$, $Exp=9,768$) e ADM ($p=0,00$, $Exp=1,704$). Neste momento de aceleração, todas estas variáveis mencionadas têm mais probabilidade de acontecer do que naqueles momentos de aceleração iniciados por passe curto entre-linhas. Além disso, vale ressaltar que a zona 13 ($p=0,104$, $Exp=10,976$), apesar de não haver significância estatística, apresenta uma probabilidade dez vezes maior de acontecer aceleração iniciada por passe de ruptura do que passe entre-linhas, sendo esta zona próxima da área do adversário, demonstrando que o passe de ruptura acontece nestas zonas.

Os resultados encontrados na regressão logística multinomial concordam com a análise sequencial nas principais associações entre as variáveis, porém também expõem de forma clara as relações entre as demais variáveis utilizadas e os momentos de aceleração da fase ofensiva, possibilitando uma compreensão mais aprofundada do assunto em questão.

Quadro 10 - Associação entre padrões comportamentais, zonas e contextos espaciais de interação e os momentos de aceleração da fase ofensiva.

		95% Intervalo de Confiança para Exp(B)			
IA ^a		Sig.	Exp(B)	Limite inferior	Limite superior
IAplp	Intercepto	,000			
	IEi	,253	,289	,035	2,423
	IEd	,997	5,071E-9	,000	. ^b
	IEp	,670	,661	,099	4,432
	DPpcp	,578	1,767	,238	13,128
	DPplp	,998	2,661E-8	,000	. ^b
	DPcd	,647	1,323	,399	4,387

	Zona1	,887	1,181	,120	11,667
	Zona3	,124	,117	,008	1,804
	Zona4	,495	3,199	,114	90,017
	Zona5	,938	,900	,063	12,781
	Zona6	,997	1,059E-8	,000	. ^b
	Zona7	,616	,539	,048	6,058
	Zona8	,026	,023	,001	,630
	Zona9	,451	,315	,016	6,368
	Zona11	,234	,166	,009	3,190
	Zona12	,891	1,221	,070	21,388
	Zona13	,834	1,453	,044	47,742
	MAD	,000	8,295E-10	8,450E-12	8,143E-8
	MM	,000	2,156E-10	2,746E-12	1,693E-8
	ATAD	,000	5,319E-10	5,936E-12	4,766E-8
	ADM	,994	1,016E-16	,000	. ^b
IAcd	Intercepto	,000			
	IEi	,029	,077	,008	,767
	IEd	,157	4,386	,565	34,032
	IEp	,863	1,141	,257	5,068
	DPpcp	,918	,915	,167	4,996
	DPplp	,684	,622	,063	6,110
	DPcd	,068	,385	,138	1,074
	Zona1	,996	1,942E-10	,000	. ^b
	Zona3	,655	,598	,063	5,710
	Zona4	,857	1,333	,059	30,185
	Zona5	,761	,662	,046	9,497
	Zona6	,582	,548	,064	4,678
	Zona7	,891	1,157	,145	9,248
	Zona8	,065	,135	,016	1,135
	Zona9	,431	,368	,031	4,424
	Zona11	,518	,476	,050	4,501
	Zona12	,450	2,611	,216	31,487
	Zona13	,513	2,575	,151	43,843
	MAD	,994	9,817E-18	,000	. ^b
	MM	,000	9,872E-10	1,477E-11	6,600E-8
	ATAD	,993	1,974E-18	,000	. ^b
	ADM	,000	5,415E-8	2,062E-9	1,422E-6
IApru	Intercepto	,000			
	IEi	,164	,216	,025	1,864
	IEd	,375	2,560	,321	20,436
	IEp	,040	4,502	1,072	18,905

DPpcp	,946	1,057	,210	5,320
DPplp	,697	,631	,062	6,401
DPcd	,811	1,125	,427	2,962
Zona1	,077	,049	,002	1,381
Zona3	,997	8,338E-9	,000	. ^b
Zona4	,998	2,929E-8	,000	. ^b
Zona5	,982	,969	,061	15,317
Zona6	,411	,342	,027	4,417
Zona7	,657	,582	,053	6,384
Zona8	,981	,975	,122	7,787
Zona9	,998	6,945E-9	,000	. ^b
Zona11	,364	2,748	,309	24,405
Zona12	,035	14,802	1,202	182,310
Zona13	,104	10,976	,611	197,104
MAD	,000	1,284E-8	3,994E-10	4,126E-7
MM	,000	9,768E-9	5,915E-10	1,613E-7
ATAD	,994	1,701E-16	,000	. ^b
ADM	.	1,704E-7	1,704E-7	1,704E-7

a. A categoria de referência é: IApcp.

b. Um estouro de ponto flutuante ocorreu ao calcular essa estatística. Portanto, seu valor é definido como omissa do sistema.

Legenda: IA: Iniciação da aceleração; IEd: Recuperação da posse da bola por desarme; IILL: Recuperação da posse da bola por lançamento de linha lateral; IEp: Recuperação da posse de bola por ação defensiva seguida por passe; DPpcp: Desenvolvimento da posse da bola por passe curto positivo; DPd: Desenvolvimento da posse da bola por drible; DPplp: Desenvolvimento da posse da bola por passe curto positivo. ATAD: Bola encontra-se entre a linha atrasada da equipa observada e a linha adiantada adversária; MAD: Bola encontra-se entre a linha média da equipa observada e a linha adiantada adversária; ADM: Bola encontra-se entre a linha adiantada da equipa observada e a linha média adversária; MM: Bola encontra-se entre as linhas médias das equipas.

Análise Sequencial Liga Espanhola

Ao realizar a análise sequencial das equipas espanholas (Figura 4), verifica-se que estas aceleram o jogo por passe curto positivo entre-linhas quando a bola encontra-se no corredor central (zona 8, $z=2,37$), entre a linha atrasada da equipa observada e a linha adiantada do adversário ($z=3,1$), dando continuidade a este momento através de passe curto positivo ($z=2,52$).

Estas equipas aceleram por passe longo positivo na zona 1 ($z=3,73$) com a bola com os seus defensores (tendo a linha adiantada adversária a frente) ($z=2,86$) após ação individual (desenvolvimento da posse da bola por drible)

($z=2,67$), e continuam a aceleração com cruzamento positivo no retardo +1 ($z=2,89$) e golo (marcado por um jogador que não acelerou o jogo) no retardo +3 ($z=2,21$).

Porém, quando aceleram por condução de bola utilizam um conjunto de ações individuais, iniciando por recuperar a posse de bola por desarme ($z=2,52$), acelerando por condução de bola nos corredores laterais (zonas 6, $z=2,31$ e 9, $z=2,55$), com a bola entre a linha adiantada da equipa observada e a linha média adversária e continuam este momento por condução de bola (retardos +1, $z=4,95$ e +2, $z=3,4$).

Além disso, estas equipas utilizam muito as acelerações iniciadas por passe de ruptura frontal ou diagonal em frente à área adversária (zonas 11, $z=2,79$ e 12, $z=3,98$) e quando a bola está entre as linhas médias das equipas ($z=2,61$), sendo antecédida por condução de bola ($z=2,37$) e continuada por drible positivo (retardo +1, $z=1,98$) ou golo marcado por um jogador que não acelerou o jogo (retardos +1, $z=4,95$ ou +2, $z=5,54$).

Análise Sequencial Liga Portuguesa

Quando analisa-se as equipas de nível superior participantes do Campeonato Português (Figura 4), verifica-se que as acelerações iniciadas por passe curto entre-linhas são iniciadas no corredor central (zona 3, $z=2,01$) e continuadas por passe curto positivo (retardos +1, $z=2,61$ e +2, $z=2,55$).

Já os momentos de aceleração que resultam em golo a favor e são antecédidos por momento de aceleração iniciado por passe longo positivo são realizados após recuperação de bola por lançamento de linha lateral ($z=2,42$) ou condução de bola no retardo -3 ($z=2,25$) e passe curto positivo (retardo -1, $z=2,14$), sendo iniciados nas zonas 1 ($z=3,15$) ou 16 ($z=2,17$), com a bola entre a linha atrasada da equipa observada e a linha adiantada adversária ($z=2,97$) e logo marcam golo com um jogador que não acelerou o jogo (retardo +1, $z=2,52$).

Quando os golos são marcados após aceleração do jogo iniciada por condução de bola, há recuperação da posse da bola por desarme (retardo -3, $z=2,61$), drible (retardo -1, $z=2,58$), o jogo é acelerado no corredor central (zona 4,

$z=2,58$), com a bola entre a linha adiantada da equipa observada e a linha média adversária ($z=2,68$) e continuada a aceleração por condução de bola (retardo +2, $z=3,08$), ou seja, também apresenta uma sequência de ações individuais.

Encerrando os resultados referentes à análise sequencial, as acelerações iniciadas por passe de ruptura frontal ou diagonal realizadas pelas equipas portuguesas que resultaram em golo a favor, aconteceram no corredor central (zona 8, $z=2,08$), após passes curtos (retardo -3, $z=2,33$) e continuados por golo marcado por um jogador que não acelerou o jogo (retardo +2, $z=5,86$).

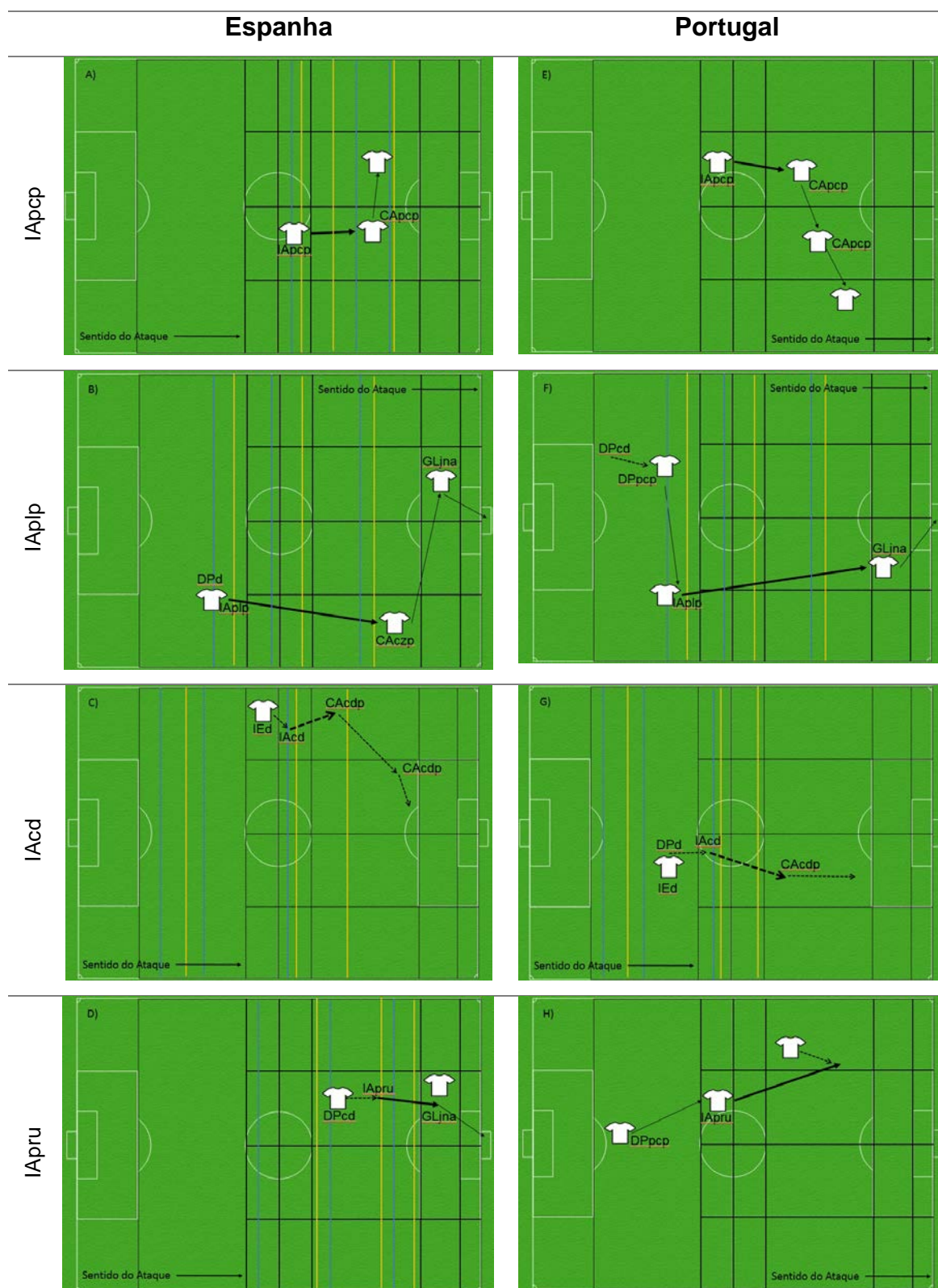


Figura 7 - Padrões de ataque de todas as equipas em cada uma das formas de acelerar o jogo.

Legenda: A) IAPcp - Espanha; B) IAPlp - Espanha; C) IACd - Espanha; D) IAPru - Espanha; E) IAPcp - Portugal; F) IAPlp - Portugal; G) IACd - Portugal e H) IAPru - Portugal. Linhas Azuis representam as linhas da equipa observada, enquanto as linhas amarelas representam as linhas do adversário.

Quadro 11 - Análise sequencial dos momentos de aceleração da fase ofensiva em diferentes ligas.

	Retardos			Zona	CEI	IA	Retardos		
	-3	-2	-1				+1	+2	+3
Espanha	-	-	-	8 (z=2,37)	ATAD (z=3,1)	IApcp	CAPcp (z=2,52)	-	-
	-	-	DPd (z=2,67)	1 (z=3,73)	ATAD (z=2,86)	IAplp	CACzp (z=2,89)	-	GLjna (z=2,21)
	-	-	IEd (z=2,52)	6 (z=2,31) 9 (z=2,55)	ADM (z=3,65)	IAcd	CACdp (z=4,95)	CACdp (z=3,4)	-
	-	-	DPcd (z=2,37)	11 (z=2,79) 12 (z=3,98)	MM (z=2,61)	IApru	CAdrp (z=1,98) GLjna (z=4,95)	GLjna (z=5,54)	-
Portugal	-	-	-	3 (z=2,01)	-	IApcp	CAPcp (z=2,61)	CAPcp (z=2,55)	-
	IILL (z=2,42) DPcd (z=2,25)	-	DPpcp (z=2,14)	1 (z=3,15) 16 (z=2,17)	ATAD (z=2,97)	IAplp	GLjna (z=2,52)	-	-
	IEd (z=2,61)	-	DPd (z=2,58)	4 (z=2,58)	ADM (z=2,68)	IAcd	-	CACdp (z=3,08)	-
	DPpcp (z=2,33)	-	-	8 (z=2,08)	-	IApru	-	GLjna (z=5,86)	-

Legenda: IA: Iniciação da aceleração; IEd: Recuperação da posse da bola por desarme; IILL: Recuperação da posse da bola por lançamento de linha lateral; IEp: Recuperação da posse de bola por ação defensiva seguida por passe; DPpcp: Desenvolvimento da posse da bola por passe curto positivo; DPd: Desenvolvimento da posse da bola por drible; DPplp: Desenvolvimento da posse da bola por passe curto positivo. ATAD: Bola encontra-se entre a linha atrasada da equipa observada e a linha adiantada adversária; MAD: Bola encontra-se entre a linha média da equipa observada e a linha adiantada adversária; ADM: Bola encontra-se entre a linha adiantada da equipa observada e a linha média adversária; MM: Bola encontra-se entre as linhas médias das equipas. CAPcp: Continuidade da aceleração por passe curto positivo; CACzp: Continuidade da aceleração por cruzamento positivo; CACdp: Continuidade da aceleração por condução de bola positiva; GLjna: Golo marcado por um jogador que não acelerou o jogo; GLja: Golo marcado pelo jogador que acelerou o jogo. Verificar zonas no campograma, critério 8 (Anexo 1).

Discussão

O objetivo deste estudo foi analisar os padrões comportamentais das equipas espanholas e portuguesas de topo antes, durante e após os momentos de aceleração que resultaram em golo. Este estudo foi capaz de fornecer diversas informações sobre os momentos de aceleração da fase ofensiva, assim como de prever o acontecimento destes momentos em equipas de elite.

Verificou-se que as equipas espanholas tiveram 71 golos marcados após acelerações que são iniciadas por passes curtos (passe curto entre-linhas e passe de ruptura frontal ou diagonal), enquanto 41 golos foram marcados após o jogo ser acelerado por condução de bola e 15 por passes longos. Já as equipas portuguesas marcaram 50 vezes após aceleração iniciada por passes curtos, 20 por condução de bola e 16 por passe longo positivo. Sendo assim, parece ser uma tendência das equipas de elite optar por passes curtos para criar oportunidade de golo, bem como, evitam utilizar os passes longos.

Ao confrontar os resultados obtidos neste estudo com os de Michailidis, Michailidis e Primpa (2013) verifica-se que existe semelhança quando analisamos os comportamentos que geram mais golos (passe curto, <10m, foi a ação básica de ataque final na maioria dos golos, 18,4%), porém para os outros comportamentos existem diferenças, sendo o passe longo o comportamento que está em segundo lugar (> 10m) (17,1%) e a ação individual em terceiro (14,5%), invertendo esta ordem neste estudo, o que pode ser explicado pelo critério utilizado pelos autores para definir o que será considerado passe curto ser diferente daquela empregada neste estudo, pois limita a 10m o passe curto, fazendo com que hajam mais passes considerados longos do que neste estudo.

Porém, o estudo realizado por Melo (2017), refere que o momento de aceleração que originou mais golos a favor da equipa observada foi aquele iniciado por condução de bola. Quando confronta-se os resultados com os deste estudo, verifica-se que existem claras diferenças neste sentido, pois somando os golos marcados por ambos os grupos em cada um dos momentos de aceleração, os momentos de aceleração iniciados por passe de ruptura

frontal ou diagonal serão aqueles que resultaram em mais golos (63 golos), seguidos por aqueles iniciados por condução de bola (61 golos). Estes resultados sugerem que as equipas de elite utilizam mais os passes de ruptura para marcar, enquanto as equipas de um modo geral utilizam a condução de bola, podendo considerar-se os momentos de aceleração como um indicador de rendimento das equipas.

Já, quando separa-se os grupos, verifica-se que os dois grupos diferenciam-se entre si nas formas prioritárias de acelerar o jogo e na quantidade de golos marcados em cada uma, pois as equipas espanholas marcam mais vezes após aceleração iniciada por passe de ruptura frontal ou diagonal (44 golos) ou condução de bola (41 golos), enquanto as equipas portuguesas utilizam mais o passe curto entre-linhas (31 golos). Sendo assim, as equipas espanholas podem ser consideradas de maior rendimento do que as portuguesas, coincidindo com a realidade desportiva, pois as equipas espanholas têm tido mais sucesso competitivo em competições europeias do que as portuguesas.

Buscando compreender os padrões de comportamento evidenciados pelas equipas ao recuperar a posse da bola e suas associações com o final do ataque, Barreira et al. (2014) concluíram que as recuperações de bola por desarme induzem a marcação de golo, sendo estes resultados semelhantes aos encontrados neste estudo, quando refere-se aos momentos de aceleração iniciados por condução de bola em ambos os grupos. O mesmo autor (2014) refere que as recuperações de bola seguidas por passe aumentam a ocorrência de remate a baliza, o que foi associado a eficácia ofensiva, pois no futebol pode ser considerado eficaz o ataque que permite o remate a baliza, devido ao fato de haver poucos golos marcados por jogo, mas neste estudo as sequencias que não terminaram em golo não foram analisadas, porém estes comportamentos foram associados a aceleração por passe de ruptura frontal ou diagonal. Por serem as equipas de maior rendimento aquelas que mais usam o passe de ruptura e a recuperação de bola seguida por passe estar associada a este comportamento, parece que há uma tendência a racionalizar o jogo por parte destas equipas, pois defendem projetando o ataque, ou seja, recuperam a posse da bola passando, dando condições para a equipa atacar.

Além disso, os resultados deste estudo evidenciam que as equipas espanholas aceleram o jogo por condução de bola após recuperação da posse de bola por desarme no retardo anterior a aceleração, enquanto as equipas portuguesas realizam o mesmo comportamento, porém no retardo -3, parecendo que utilizam esta forma de acelerar o jogo como forma de contra-atacar, enquanto as outras formas de criar um momento de aceleração acontecem após comportamentos de desenvolvimento da posse da bola ou não tem associações com comportamentos. Ou seja, existem equipas que utilizam diferentes métodos de jogo e parece que as equipas contra-atacam através da aceleração iniciada por uma ação individual, enquanto as que utilizam ataque organizado utilizam mais ações coletivas, acelerando o jogo por passe, porém essa forma de acelerar o jogo também acontece quando a bola está entre a linha adiantada da equipa observada e a linha média adversária, o que sugere que pode o contexto espacial de interação ser determinante para a utilização de contra-ataque ou outro método de ataque.

Buscando compreender a relação entre os momentos de aceleração e os métodos de ataque, o estudo realizado por Živanovic (2016) teve como objetivo analisar os comportamentos de duas equipas durante a fase ofensiva e concluiu que uma destas equipas utilizou de forma mais eficiente o ataque organizado (Partisan), enquanto outra os ataques rápidos (Cukaricki). Porém na partida final da Copa Nacional ambas utilizaram o ataque organizado. Parece que as equipas utilizam o ataque organizado em jogos importantes. Porém, os resultados deste estudo demonstram que as equipas utilizam o ataque organizado ou ataque rápido de acordo com o contexto espacial de interação, sendo dependentes da configuração estrutural dos adversários e dos espaços existentes. Havendo possibilidade dos achados de Živanovic (2016) serem explicados pelo confronto com equipas de maior nível, que tem maior qualidade defensiva, obrigando o adversário a produzir um ataque mais elaborado. Por isso, verifica-se que a variável que mais influencia a escolha dos momentos de aceleração por parte das equipas é o contexto espacial de interação, ou seja, qual espaço da equipa adversária a bola está e quantos defensores existem entre a bola e a baliza, determinando o que é necessário se fazer para conseguir criar uma oportunidade de golo.

Neste sentido, quando analisado o contexto espacial de interação no momento em que a equipa acelerou o jogo, verifica-se que as equipas espanholas exigem mais dos seus defensores no que refere a participação ofensiva, pois os momentos de aceleração iniciados por passe curto entre-linhas e passe longo positivo acontecem quando a bola encontra-se entre a linha atrasada da equipa observada e a linha adiantada adversária, que sugere que o jogador que está com a bola seja um defesa. Enquanto as equipas portuguesas aceleram com esse contexto somente através do passe longo positivo, não havendo associação entre o contexto e iniciação da aceleração por passe curto entre-linhas. Esta constatação traz informações muito importantes que correspondem em partes com o estudo de Almeida (2016), pois este autor refere que é exigido dos defensores de alto rendimento que capacidade de participar da 1ª fase do processo ofensivo com passes curtos, médios e longos e/ou penetração com bola com sucesso ou realizam apoio ofensivo para a circulação de bola, porém o que os resultados deste trabalho sugerem que exige-se mais, pois estes jogadores participam também da criação de momentos de aceleração, buscando gerar oportunidades de golo.

Passando para as zonas utilizadas pelas equipas para atacar, parece existir uma tendência das equipas utilizarem o corredor central para realizar passes, enquanto, o que concorda com os resultados encontrados por Camerino et al. (2012), referindo que a equipa do FC Barcelona mantém a bola no corredor central e depois joga para a frente, buscando marcar golo. Estes resultados concordam com aqueles referentes às equipas portuguesas, pois estas aceleram sempre pelo corredor central. Porém quando analisadas as equipas espanholas verifica-se que estas utilizam prioritariamente o corredor central para acelerar o jogo por passe curto entre-linhas, passe longo positivo e passe de ruptura frontal ou diagonal, mas utilizam os corredores laterais para acelerar por condução de bola, parecendo haver uma preferencia por ações diferentes em cada um dos espaços do campo, priorizando a troca de passes pelo corredor central e a condução de bola pelas laterais.

Passando para a análise dos comportamentos realizados após os momentos de aceleração, Machado, Barreira e Garganta (2014), analisaram os comportamentos na fase ofensiva das seleções da Alemanha, Holanda,

Uruguai e Espanha, por estas serem as equipas que chegaram as meias finais do Campeonato do Mundo FIFA 2010. Os autores concluíram que as seleções da Alemanha, Holanda e Uruguai marcavam após cruzamento positivo ou infração às leis de jogo por parte da equipa adversária, enquanto a seleção espanhola utilizou o jogo indireto, rematando a baliza após passe curto. Neste trabalho, verificou-se que as acelerações iniciadas por passe curto entre-linhas por equipas portuguesas e espanholas eram continuadas por passe curto antes de marcar golo, o que concorda com os resultados encontrados por Machado, Barreira e Garganta (2014) referentes a seleção espanhola no Campeonato do Mundo FIFA 2010. Já as acelerações iniciadas por condução de bola eram continuadas também por condução de bola, em ambos os grupos. Porém as equipas espanholas aceleravam por passe longo positivo e cruzavam antes de marcar golo, sendo semelhante aos resultados de Machado, Barreira e Garganta (2014) referentes as seleções da Alemanha, Holanda e Uruguai e diferenciando-se da seleção espanhola. Já as acelerações iniciadas por passe de ruptura eram continuadas com golo em ambos os grupos, sugerindo alguma semelhança com a seleção espanhola no estudo de Machado, Barreira e Garganta (2014), pois este é um passe curto capaz de gerar golo a favor.

Conclusões

Este estudo deixou claro que existem diferenças em relação a utilização dos momentos de aceleração da fase ofensiva por parte das equipas espanholas e portuguesas, tanto em quantidade de golos marcados em cada uma das formas, como nos padrões comportamentais, zonas e contextos espaciais de interação.

Existem diversas formas de marcar golo, sendo utilizadas em diferentes contextos e espaços do campo, buscando retirar o maior proveito de cada situação, ao analisar os padrões comportamentais das equipas, é possível verificar que as equipas espanholas aproveitam melhor as zonas e os contextos espaciais de interação para acelerar o jogo, e possivelmente por isso consigam marcar mais golos através da utilização destes momentos do que as equipas portuguesas.

Neste sentido, as equipas espanholas utilizam mais a iniciação da aceleração por passe de ruptura frontal ou diagonal em zonas próximas da área de penálti adversária, enquanto as equipas portuguesas marcaram mais golos após acelerar por passe curto entre-linhas em zonas mais recuadas do terreno de jogo. Também é importante referir que a aceleração que gerou menos golos a favor para ambos os grupos foi aquela iniciada por passe longo positivo, havendo uma tendência das equipas a não utilizar esta forma.

Além disso, verificou-se que as equipas espanholas exigem mais ofensivamente dos seus jogadores da defesa, pois estes participam da aceleração do jogo iniciada de diferentes formas, por passe curto entre-linhas e passe longo positivo, sendo estes jogadores aqueles que iniciam a aceleração, permitindo que a equipa tenha mais jogadores atacar nas zonas mais avançadas do terreno.

Por fim, verifica-se que, a partir dos testes utilizados (análise sequencial e regressão logística multinomial), a variável que melhor explica a utilização dos diferentes momentos de aceleração por parte das equipas é o contexto espacial de interação, seguido pelas zonas e por último pelos comportamentos.

Referências

- Almeida, C. F. (2016). *Caracterização das competências dos jogadores de futebol relativo aos diferentes estatutos posicionais*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Anguera, M. T. A., Blanco, A. V., & Losada, J. L. L. (2001). Diseños observacionales, cuestión clave en el procesode la Metodología Observacional. *Metodología de las Ciencias del Comportamiento*, 3(2), 135-160.
- Gabin, B., Camerino, O., Anguera, M. T., & Castañer, M. (2012). Lince: multiplatform sport analysis software. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 46, 4692-4694.
- Anguera, M. T. (1986). *La investigación cualitativa*. Educar, (10), 23-50.

- Anguera, M. T. (1990). Metodología observacional. En J. Arnau, M. T. Anguera y J. G. Benito (Eds.), *Metodología de la investigación en ciencias del comportamiento* (pp. 125-236). Murcia: Universidad de Murcia.
- Anguera, M. T. (2010). Posibilidades y relevancia de la observación sistemática por el profesional de la Psicología. *Papeles del psicólogo*, 31(1).
- Barreira, D. (2006). *Transição defesa-ataque em Futebol. Análise Sequencial de padrões de jogo relativos ao Campeonato Português 2004/05*. Monografia apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Barreira, D., Garganta, J., Guimarães, P., Machado, J., & Anguera, M. T. (2014). Ball recovery patterns as a performance indicator in elite soccer. *Proceedings of the Institution of Mechanical Engineers, Part P: Journal of Sports Engineering and Technology*, 228(1), 61-72.
- Barreira, D., Garganta, J., Prudente, J., & Anguera, M. T. (2012). Desenvolvimento e validação de um sistema de observação aplicado à fase ofensiva em Futebol: SoccerEye. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 12(3), 32-57.
- Camerino, O. F., Chaverri, J., Anguera, M. T., & Jonsson, G. K. (2012). Dynamics of the game in soccer: Detection of T-patterns. *European Journal of Sport Science*, 12(3), 216-224.
- Castellano, J., Casamichana, D., & Lago, C. (2012). The use of match statistics that discriminate between successful and unsuccessful soccer teams. *Journal of human kinetics*, 31, 137-147.
- Castellano, J., Hernández-Mendo, A. y Haro, J. A. (2002). Mapas socioconductuales de la selección Francesa en el Mundial de fútbol de Francia'98. *Revista de Psicología del Deporte*, 11(1), 35-51.
- Cerqueira, P. H., Nakamura, L. R., Pescim, R. R., & Leandro, R. A. (2014). Investigating the underlying causal network on european football teams. *Journal of Data Science*, 15(2), 293-312.

- Clemente, F. M. (2012). Study of Successful Teams on FIFA World Cup 2010 through Notational Analysis. *Pamukkale Journal of Sport Sciences*, 3(3), 90-103.
- Collet, C. (2013). The possession game? A comparative analysis of ball retention and team success in European and international football, 2007–2010. *Journal of sports sciences*, 31(2), 123-136.
- Evangelos, B., Aristotelis, G., Ioannis, G., Stergios, K., & Foteini, A. (2014). Winners and losers in top level soccer. How do they differ?. *Journal of Physical Education and Sport*, 14(3), 398.
- Gabin, B., Camerino, O., Anguera, M. T., & Castañer, M. (2012). Lince: multiplatform sport analysis software. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 46, 4692-4694.
- Garganta, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de Futebol: Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Porto: Júlio Garganta. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade do Porto.
- Garganta, J., & Cunha e Silva, P. (2000). O jogo de futebol: entre o caos e a regra. *Revista Horizonte*, 16(91), 5-8.
- Garganta, J., & Gréhaigne, J. F. (1999). Abordagem sistêmica do jogo de futebol: moda ou necessidade?. *Movimento*, 5(10), 40.
- Kite, C. S., & Nevill, A. (2017). The Predictors and Determinants of Inter-Seasonal Success in a Professional Soccer Team. *Journal of human kinetics*, 58(1), 157-167.
- Lago, C. y Anguera, M. T. (2003). Utilización del análisis secuencial en el estudio de las interacciones entre jugadores en el fútbol de rendimiento. *Revista de Psicología del Deporte*, 12(1), 27-37.
- Lago-Ballesteros, J., & Lago-Peñas, C. (2010). Performance in team sports: Identifying the keys to success in soccer. *Journal of Human Kinetics*, 25, 85-91.

- Lago-Peñas, C., & Lago-Ballesteros, J. (2011). Game location and team quality effects on performance profiles in professional soccer. *Journal of sports science & medicine*, 10(3), 465.
- Lago-Peñas, C., Lago-Ballesteros, J., Dellal, A., & Gómez, M. (2010). Game-related statistics that discriminated winning, drawing and losing teams from the Spanish soccer league. *Journal of sports science & medicine*, 9(2), 288.
- Leontijević, B., Janković, A., & Tomić, L. (2017). Tactics of attack of football teams in the Champions League knockout phase in seasons of 2015/2016 and 2016/2017. *Fizička kultura*, 71(2), 137-144.
- Liu, H., Gomez, M. Á., Lago-Peñas, C., & Sampaio, J. (2015). Match statistics related to winning in the group stage of 2014 Brazil FIFA World Cup. *Journal of sports sciences*, 33(12), 1205-1213.
- Machado, J. C., Barreira, D., & Garganta, J. (2014). The influence of match status on attacking patterns of play in elite soccer teams. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 16(5), 545-554.
- Melo, L. H. C. (2017). *Organização ofensiva em el juego del Fútbol. Indicadores de los momentos de aceleración en los equipos de Fútbol de alto rendimiento*. Porto: Luis Herney Melo Castro. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Michailidis, Y., Michailidis, C., & Primpa, E. (2013). Analysis of goals scored in European Championship 2012.
- Sarmiento, H., Clemente, F. M., Araújo, D., Davids, K., McRobert, A., & Figueiredo, A. (2018). What performance analysts need to know about research trends in association football (2012–2016): A systematic review. *Sports medicine*, 1-38.
- Shafizadeh, M., Taylor, M., & Peñas, C. L. (2013). Performance consistency of international soccer teams in Euro 2012: A time series analysis. *Journal of human kinetics*, 38, 213-226.

- Silva, A., Sánchez Bañuelos, F., Garganta, J., & Anguera, M. T. (2005). Patrones de juego en el fútbol de alto rendimiento. Análisis secuencial del proceso ofensivo en el campeonato del mundo Corea-Japón 2002. *Cultura, Ciencia y Deporte*, 1(2).
- The fooball platform for the people who live for the beautiful game. (2017). *Wyscout* Consult. 10 Jan 2017, disponível em <https://wyscout.com/>.
- Živanović, V. (2016). Analysis of attacks success in three matchup of soccer clubs Partisan and Cukaricki during the season 2014/2015: A case study. *Fizička kultura*, 70(1), 88-96.

Capítulo V

Discussão

Discussão

O presente estudo teve como objetivo compreender os padrões de comportamento táticos evidenciados pelas equipas nos momentos de aceleração da fase ofensiva, de acordo com seus níveis competitivos e ligas. Tendo em vista que em nossa pesquisa não foram encontrados estudos referentes aos padrões comportamentais das equipas durante estes momentos, somente ao número de golos que as equipas marcam após a aceleração do jogo e cada uma das suas formas.

Para isso, primeiramente procurou-se compreender o jogo de futebol e como as equipas marcam golo, já que é preciso marcar mais golos do que o adversário para vencer o confronto. Neste sentido, o jogo de futebol é visto como um confronto entre sistemas em interação, onde as equipas têm objetivos opostos, porém os jogadores da mesma equipa interagem entre si para que possam resolver os problemas criados pelos adversários, buscando supera-los em golos.

Neste sentido, exige-se das equipas que criem uma organização coletiva, agindo como uma unidade altamente organizada, sendo consideradas sistemas, evidenciando uma identidade coletiva. Para isso é necessário que existam princípios de jogo claros como referenciais coletivos para os jogadores, pois será de acordo com estes princípios e com o contexto do jogo que os jogadores irão tomar suas decisões.

Esta identidade coletiva é expressa pelos padrões de comportamento evidenciados pelos jogadores e equipa em jogo e pode ser identificada por um observador. Porém, é preciso que este observador saiba o que procurar no jogo, havendo a necessidade da criação de um instrumento de observação capaz de decifrar os princípios coletivos existentes por trás das ações dos jogadores.

Deste modo, o jogo apresenta duas fases distintas e antagônicas, onde a bola é o fator determinante para considerar em que fase a equipa se encontra. Sendo a equipa que não tem a posse da bola aquela que está na fase defensiva, enquanto a equipa com posse da bola está na fase ofensiva. Sendo

assim, as equipas irão criar uma organização coletiva objetivando tirar o maior proveito possível de cada fase do jogo.

Neste sentido, as equipas sem a posse da bola buscam criar um equilíbrio defensivo com qualidade suficiente para impedir que o adversário marque golo, enquanto as equipas que atacam tentam romper com este equilíbrio adversário para que possam criar situações para rematar a baliza e marcar golo. Porém, devido ao grande dinamismo evidenciado nas partidas, estes momentos de desequilíbrio defensivo são curtos, duram pouco tempo, exigindo das equipas e os jogadores muita concentração para perceber e aproveitar tais situações. Este momento em que a equipa em fase ofensiva percebe o desequilíbrio adversário e acelera o jogo para aproveitá-lo é considerado um momento de aceleração da fase ofensiva.

Sendo assim, é preciso haver grande sincronia por parte dos jogadores de uma mesma equipa, para que vários jogadores possam perceber simultaneamente este momento e a melhor forma de aproveitá-lo. Deste modo, o aproveitamento destes espaços exige um processo de ensino-aprendizagem em que exista um contexto favorável a criação de princípios de jogo por parte da equipa e jogadores, desenvolvendo o conhecimento que estes tem em relação a todos momentos do jogo, inclusive os momentos de aceleração, tendo em vista que estes momentos são aqueles que geram mais golos a favor.

Neste sentido, os indicadores dos momentos de aceleração foram classificados em quatro grupos diferentes de acordo com um conjunto de ações realizadas para que este momento inicie, sendo eles iniciados por: 1) passe curto entre-linhas, 2) passe longo positivo, 3) condução de bola e 4) passe de ruptura frontal ou diagonal.

No estudo I, as equipas foram divididas em 2 grupos (superior e baixo), para que seja possível perceber como as equipas de diferentes níveis utilizam os momentos de aceleração e as possíveis diferenças existentes entre os grupos. Já o estudo II objetivou analisar somente as equipas de topo de 2 ligas diferentes, buscando verificar a possível diferença nos comportamentos evidenciados em culturas diferentes durante os momentos de aceleração.

Neste sentido, é possível afirmar que os momentos de aceleração são determinantes para o sucesso competitivo das equipas, tendo em vista que as equipas de mais alto nível são aquelas que mais golos marcam através destes momentos. Além disso, são aquelas que melhor aproveitam os espaços deixados pelo adversário em seu benefício.

Os momentos de aceleração que geram mais golos a favor das equipas são aqueles iniciados por passe curto (passe curto entre-linhas e passe de ruptura frontal ou diagonal), seguidos pela aceleração iniciada por condução de bola, enquanto aqueles iniciados por passe longo positivo parecem não ser uma boa opção para criar oportunidade de golo, pois estes são aqueles que geram menos golos.

Quando se analisam os comportamentos que precedem os momentos de aceleração, verifica-se que existem associações entre as acelerações iniciadas por passe (curto entre-linhas e longo) e o desenvolvimento da posse da bola, sugerindo que estas acelerações, que já são passes, possam acontecer com a equipa em ataque organizado. Já as acelerações iniciadas por condução de bola acontecem após recuperação da posse da bola, sugerindo a utilização de contra-ataque.

Porém, é necessário ver de forma mais ampla os resultados do estudo, pois assim também será possível verificar que as acelerações iniciadas por passe curto entre-linhas e passe longo, acontecem (quando há associação com o contexto espacial de interação) quando a bola está a frente da linha adiantada do adversário, havendo a necessidade de circular a bola até desequilibrar a estrutura defensiva do oponente, pois este tem todos os seus jogadores atrás da linha da bola. Porém, as acelerações por condução de bola acontecem com a bola entre a linha adiantada da equipa observada e a linha média adversária, havendo menos jogadores entre a linha da bola e a baliza adversária, o que parece possibilitar o ataque. Assim, parece que o que determina se a equipa irá acelerar o jogo ou terá que circular mais é a configuração estrutural do adversário. Esta hipótese parece ser confirmada na análise de regressão logística multinomial, pois em todos os momentos de aceleração há diferenças significativas nos contextos espaciais de interação, indicando que estes são determinantes para a escolha do momento de aceleração a ser usado.

Além disso, a zona que a bola está também influencia a escolha dos jogadores, direcionando para que este acelere o jogo ou não, por estar mais próximo ou afastado da baliza adversária, bem como por estar no corredor lateral ou central. Neste sentido, as equipas de mais alto nível, aceleram o jogo por passes pelo corredor central, e aceleram por condução de bola pelo corredor lateral, parecendo haver uma quantidade de jogadores adversários maior no centro do campo, obrigando as equipas a jogar coletivamente nestas zonas, enquanto os adversários deixam mais espaços nos corredores laterais, possibilitando a criação de confrontos individuais.

Os momentos de aceleração também exigem das defesas das equipas de mais alto nível que participem ativamente da fase ofensiva, criando desequilíbrios na estrutura defensiva adversária e acelerando o jogo. Por isso, para que um jogador possa estar nestas equipas, precisa ter capacidade criar momentos de aceleração, pois os que estão nestas equipas já conseguem o fazer.

Por fim, parece que os momentos de aceleração são determinantes para o sucesso competitivo das equipas, e os resultados deste estudo demonstram que para perceber como as equipas utilizam estes momentos de forma aprofundada, precisa-se ter em consideração diversos aspectos do jogo de forma conjunta, pois só assim serão reunidas as informações necessárias para compreender por que os jogadores executaram as ações.

Capítulo V

Conclusões

Conclusões

De acordo com os resultados encontrados em ambos os estudos que compõem esta dissertação, é possível concluir que:

- Os momentos de aceleração da fase ofensiva geram mais golos a favor do que as outras formas de marcar golo (sem momento de aceleração e através de bola parada).
- Os momentos de aceleração são influenciados pelo contexto espacial de interação e pela zona em que a bola encontra-se.
- As ações coletivas de passe são aquelas que mais vezes antecedem a aceleração do jogo.
- Os comportamentos evidenciados nos momentos de aceleração pelas equipas de diferentes níveis diferenciam-se entre si, podendo ser considerado um indicador de rendimento.
- As equipas de nível superior usam mais jogadores na fase ofensiva, exigindo dos seus defensores que participem ativamente na criação de momentos de aceleração.
- Equipas espanholas de topo marcam mais golos após momento de aceleração por jogo do que as portuguesas.
- As acelerações iniciadas por passe (passe curto entre-linhas, passe longo positivo e passe de ruptura frontal ou diagonal) tendem a ser iniciadas no corredor central.
- As acelerações iniciadas por condução de bola tendem a ser iniciadas em corredores laterais, principalmente em equipas de topo.
- O contexto espacial de interação é o que mais influencia na utilização dos momentos de aceleração da fase ofensiva em equipas de topo.

Por fim, pode-se dizer que as equipas de futebol utilizam os momentos de aceleração da fase ofensiva para aproveitar os desequilíbrios existentes na defesa adversária para marcar golo. E que estes momentos de aceleração são influenciados pelo contexto espacial de interação e zona em que a bola encontra-se no instante em que o jogo foi acelerado.

Sugestões para estudos futuros

Compreendendo que o jogo de futebol se dá com os momentos todos interligados, torna-se importante perceber o que acontece quando as equipas atacam, aceleram o jogo, mas perdem a posse da bola. Neste caso, como o que está sendo estudado são os momentos de aceleração da fase ofensiva, estudos futuros poderiam buscar perceber as consequências da perda da posse da bola após a aceleração do jogo, para que se possa perceber os prejuízos que podem ser causados caso a equipa não consiga manter a posse da bola.

Capítulo VI

Referências

Referências

- Anguera Argilaga, M. ^a. T., Blanco Villaseñor, A., & Losada López, J. L. (2001). Diseños observacionales, cuestión clave en el procesode la Metodología Observacional. *Metodología de las Ciencias del Comportamiento*, 3(2), 135-160.
- Gabin, B., Camerino, O., Anguera, M. T., & Castañer, M. (2012). Lince: multiplatform sport analysis software. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 46, 4692-4694.
- Anguera, M. T. (1986). *La investigación cualitativa*. Educar, (10), 23-50.
- Anguera, M. T., & Mendo, A. H. (2015). Técnicas de análisis en estudios observacionales en ciencias del deporte. *Cuadernos de psicología del deporte*, 15(1), 13-30.
- Aquino, R. L., Gonçalves, L. G. C., Vieira, L. H. P., Oliveira, L. P., Alves, G. F., Santiago, P. R. P., & Puggina, E. F. (2016). Periodization training focused on technical-tactical ability in young soccer players positively affects biochemical markers and game performance. *The Journal of Strength & Conditioning Research*, 30(10), 2723-2732.
- Barreira, D. (2013). *Tendências evolutivas da dinâmica tática em Futebol de alto rendimento. Estudo da fase ofensiva nos Campeonatos da Europa e do Mundo, entre 1982 e 2010*. Porto: Daniel Barreira. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Barreira, D., Garganta, J., & Anguera, M. T., (2013). Futebol. In J. Garganta, J. Prudente & T. Anguera (Eds.), *Avaliação da Performance em Jogos Desportivos Coletivos* (pp. 134-209). Porto: Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto (CIFI2D).

- Barreira, D., Garganta, J., Castellano, J., Prudente, J., & Anguera, M. T. (2014). Evolución del ataque en el fútbol de élite entre 1982 y 2010: Aplicación del análisis secuencial de retardos. *Revista de Psicología del Deporte*, 23(1).
- Barreira, D., Garganta, J., Prudente, J., & Anguera, M. T. (2012). Desenvolvimento e validação de um sistema de observação aplicado à fase ofensiva em Futebol: SoccerEye. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 12(3), 32-57.
- Castellano Paulis, J., & Hernández Mendo, A. (2000). Análisis secuencial en el fútbol de rendimiento. *Psicothema*, 12 (Su2).
- Castellano, J., Casamichana, D., & Lago, C. (2012). The use of match statistics that discriminate between successful and unsuccessful soccer teams. *Journal of human kinetics*, 31, 137-147.
- Castellano, J., Silva, P., Usabiaga, O., & Barreira, D. (2016). The influence of scoring targets and outer-floaters on attacking and defending team dispersion, shape and creation of space during small-sided soccer games. *Journal of human kinetics*, 51(1), 153-163.
- Castro, L. H. M. (2017). *Organização ofensiva em el juego del Fútbol. Indicadores de los momentos de aceleración en los equipos de Fútbol de alto rendimiento*. Porto: Luis Herney Melo Castro. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Cerqueira, P. H., Nakamura, L. R., Pescim, R. R., & Leandro, R. A. (2014). Investigating the underlying causal network on european football teams. *Journal of Data Science*, 15(2), 293-312.
- Clemente, F. M. (2012). Study of Successful Teams on FIFA World Cup 2010 through Notational Analysis. *Pamukkale Journal of Sport Sciences*, 3(3), 90-103.
- Collet, C. (2013). The possession game? A comparative analysis of ball retention and team success in European and international football, 2007–2010. *Journal of sports sciences*, 31(2), 123-136.

- Costa, I. T., Garganta, J., Greco, P. J., Mesquita, I., & Maia, J. (2011). Sistema de avaliação táctica no Futebol (FUT-SAT): Desenvolvimento e validação preliminar. *Motricidade*, 7(1).
- Evangelos, B., Aristotelis, G., Ioannis, G., Stergios, K., & Foteini, A. (2014). Winners and losers in top level soccer. How do they differ?. *Journal of Physical Education and Sport*, 14(3), 398.
- Felipe Arruda Moura, Richard E. A. van Emmerik, Juliana Exel Santana, Luiz Eduardo Barreto Martins, Ricardo Machado Leite de Barros & Sergio Augusto Cunha (2016) Coordination analysis of players' distribution in football using cross-correlation and vector coding techniques, *Journal of Sports Sciences*, 34:24, 2224-2232, DOI: 10.1080/02640414.2016.1173222
- Garganta, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de Futebol: Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Porto: Júlio Garganta. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade do Porto.
- Garganta, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. *Revista portuguesa de ciências do desporto*, 1(1), 57-64.
- Garganta, J. (2006). (Re) Fundar os conceitos de estratégia e táctica nos jogos desportivos colectivos, para promover uma eficácia superior. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 20(s5).
- Garganta, J. (2008). Modelação táctica em jogos desportivos – A desejável cumplicidade entre pesquisa, treino e competição. In F. Tavares, A. Graça, J. Garganta & I. Mesquita (Eds.), *Olhares e Contextos da Performance nos jogos desportivos* (pp. 108-121). Universidade do Porto: Faculdade de Desporto.
- Garganta, J., & Gréhaigne, J. F. (1999). Abordagem sistêmica do jogo de futebol: moda ou necessidade?. *Movimento*, 5(10), 40.
- Gomes, M. S. (2006). *Do pé como Técnica ao Pensamento Técnico dos pés dentro da caixa preta da Periodização Táctica—Um estudo de caso*. Porto:

Marisa Silva Gomes. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Gréhaigne, J. F., & Godbout, P. (2014). Dynamic systems theory and team sport coaching. *Quest*, 66(1), 96-116.

Kite, C. S., & Nevill, A. (2017). The Predictors and Determinants of Inter-Seasonal Success in a Professional Soccer Team. *Journal of human kinetics*, 58(1), 157-167.

Lago-Ballesteros, J., & Lago-Peñas, C. (2010). Performance in team sports: Identifying the keys to success in soccer. *Journal of Human Kinetics*, 25, 85-91.

Lago-Peñas, C., & Lago-Ballesteros, J. (2011). Game location and team quality effects on performance profiles in professional soccer. *Journal of sports science & medicine*, 10(3), 465.

Lago-Peñas, C., Lago-Ballesteros, J., Dellal, A., & Gómez, M. (2010). Game-related statistics that discriminated winning, drawing and losing teams from the Spanish soccer league. *Journal of sports science & medicine*, 9(2), 288.

Liu, H., Gomez, M. Á., Lago-Peñas, C., & Sampaio, J. (2015). Match statistics related to winning in the group stage of 2014 Brazil FIFA World Cup. *Journal of sports sciences*, 33(12), 1205-1213.

Oliveira, J. G. G. (2004). *Conhecimento específico em futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo de ensino-aprendizagem/treino do jogo*. Porto: José Guilherme Granja de Oliveira. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Oliveira, J. G. G. (2014). *A influência do treino técnico sobre o “pé não-preferido” na redução da assimetria funcional dos membros inferiores em jovens jogadores de futebol*. Porto: José Guilherme Granja de Oliveira. Dissertação de Doutoramento apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

- Pivetti, B. (2012). *Periodização tática: o futebol-arte alicerçado em critérios*. São Paulo: Phorte.
- Sarmiento, H., Clemente, F. M., Araújo, D., Davids, K., McRobert, A., & Figueiredo, A. (2017). What Performance Analysts Need to Know About Research Trends in Association Football (2012–2016): A Systematic Review. *Sports medicine*, 1-38.
- Shafizadeh, M., Taylor, M., & Peñas, C. L. (2013). Performance consistency of international soccer teams in Euro 2012: A time series analysis. *Journal of human kinetics*, 38, 213-226.
- Silva, A., Sánchez Bañuelos, F., Garganta, J., & Anguera, M. T. (2005). Patrones de juego en el fútbol de alto rendimiento. Análisis secuencial del proceso ofensivo en el campeonato del mundo Corea-Japón 2002. *Cultura, Ciencia y Deporte*, 1(2).
- Silva, P., Chung, D., Carvalho, T., Cardoso, T., Davids, K., Araújo, D., & Garganta, J. (2016). Practice effects on intra-team synergies in football teams. *Human movement science*, 46, 39-51.
- Tavares, F., Greco, P., & Garganta, J. (2006). Perceber, conhecer, decidir e agir nos jogos desportivos coletivos. *Pedagogia do desporto*, 284-298.
- The football platform for the people who live for the beautiful game. (2017). Wyscout Consult. 10 Jan 2017, disponível em <https://wyscout.com/>
- Tobar, J. B. (2013). *Periodização tática: explorando sua organização concepto-metodológica*. Porto Alegre: Julian Bertasso Tobar. Dissertação de Bacharelado apresentada ao Departamento de Educação Física da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Capítulo VII

Anexos

Anexos

Quadro 12- Instrumento de Observação (adaptado de Barreira et al., 2012 e Melo, 2017).

Critério 1	Critério 2	Critério 3	Critério 4	Critério 5	Critério 6	Critério 7	Critério 8
Início da fase ofensiva / Recuperação da posse de Bola (I)	Desenvolvimento da Transição-Estado Defesa/Ataque (DT)	Desenvolvimento da Posse de Bola (Prévio ao momento de aceleração) (DP)	Iniciação do Momento de aceleração: Indicadores (IA)	Desenvolvimento do momento de aceleração (CA)	Final da fase ofensiva com golo a favor (GL)	Configuração espacial de interação entre as equipas no momento de aceleração (CEI)	Espacialização do Terreno do Jogo (ETJ)
TRANSIÇÃO-ESTADO DEFESA / ATAQUE	Desenvolvimento da Transição-Estado Defesa /Ataque por meio de um passe curto positivo (DTpcp)	Desenvolvimento da posse de bola por meio de passe curto positivo (DPpcp)	Se acelera o jogo ofensivamente através de um passe curto positivo entre-linhas (IApcp)	Continuidade do momento de aceleração por condução da bola no sentido do ataque, com sucesso sem recuperação do adversário (CAcdp)	Golo a favor marcado pelo jogador que realiza o momento de aceleração (GLja)	A bola encontra-se entre a linha media da equipa em fase ofensiva e a linha adiantada da equipa adversaria (MAD)	Zona defensiva (1)
Recuperação da posse de Bola por interceção (IEi)	Desenvolvimento da Transição-Estado Defesa /Ataque por meio de um passe curto Negativo (DTpcn)	Desenvolvimento da posse de bola por meio de passe curto negativo (DPpcn)	Se acelera o jogo ofensivamente através de um passe longo positivo (IAplp)	Continuidade do momento de aceleração por condução da bola no sentido do ataque, sem sucesso com recuperação do adversário (CAcdn)	Golo a favor marcado por um jogador que não realizou o momento de aceleração (GLjna)	Linha Media: A bola encontra-se entre as linhas medias das equipas em confronto (MM)	Zona central 1 / Corredor lateral esquerdo (2)
Recuperação da posse de Bola por desarme (IEd)	Desenvolvimento da Transição-Estado Defesa /Ataque por meio de um passe longo positivo (DTplp)	Desenvolvimento da posse de bola por meio de passe Longo positivo (DPplp)	Se acelera o jogo ofensivamente através da condução de bola, no sentido do ataque (IAcd)	Continuidade do momento de aceleração por Drible positivo (CAdrp)		Linha Media: A bola encontra-se entre a linha adiantada da equipa em fase ofensiva e a linha media da equipa adversaria (ADM)	Zona central 1 / Corredor central esquerdo (3)
Recuperação da posse de Bola por ação do guarda-redes em fase defensiva (IEgr)	Desenvolvimento da Transição-Estado Defesa /Ataque por meio de un passe longo negativo (DTpln)	Desenvolvimento da posse de bola por meio do passe Longo negativo (DPpln)	Se acelera o jogo ofensivamente através de um passe de ruptura frontal o diagonal (IApru)	Continuidade do momento de aceleração por Drible negativo (CAdrn)			Zona central 1 / Corredor central direito (4)
Recuperação da posse de Bola por ação defensiva seguida de passe (IEp)	Desenvolvimento da Transição-Estado Defesa/Ataque por meio de cruzamento positivo (DTczp)	Desenvolvimento da posse de bola por cruzamento positivo (DPczp)		Continuidade do momento de aceleração por Cruzamento positivo dos corredores laterais (CAczp)			Zona central 1 / Corredor lateral direito (5)
TRANSIÇÃO-INTERFASE DEFESA / ATAQUE	Desenvolvimento da Transição-Estado Defesa/Ataque por meio de cruzamento negativo (DTczn)	Desenvolvimento da posse de bola por cruzamento negativo (DPczn)		Continuidade do momento de aceleração por Cruzamento negativo dos corredores laterais (CAczn)			Zona central 2 / Corredor lateral esquerdo (6)
Início / Reinício da fase ofensiva por começo/recomeço do jogo (IIcj)	Desenvolvimento da Transição-Estado Defesa/Ataque por meio de condução de bola (DTcd)	Desenvolvimento da posse de bola por meio da condução de bola (DPcd)		Continuidade do momento de aceleração por passe curto positivo (CApcp)			Zona central 2 / Corredor central esquerdo (7)
Recuperação da posse de bola por infração do adversário às leis do jogo (III)	Desenvolvimento da Transição-Estado Defesa /Ataque por drible (1x1) (DTd)	Desenvolvimento da posse de bola por meio do Drible (1x1) (DPd)		Continuidade do momento de aceleração por passe curto negativo (CApcn)			Zona central 2 / Corredor central direito (8)
Recuperação da posse de bola por pontapé de canto (IIc)	Desenvolvimento da Transição-Estado Defesa /Ataque por receção/controle	Desenvolvimento da posse de bola por receção/controle (DPrc)					Zona central 2 / Corredor lateral direito (9)

	(DTrc)	
Recuperação da posse de bola por pontapé de baliza (IIpb)	Desenvolvimento da Transição-Estado Defesa/Ataque por duelo (DTdu)	Desenvolvimento da posse de bola por duelo (DPdu)
Recuperação da posse de bola por bola ao solo (IIbs)	Desenvolvimento da Transição-Estado Defesa /Ataque por remate (DTr)	Desenvolvimento da posse de bola por remate (DPr)
Recuperação da posse de Bola por Lançamento de linha lateral (IILL)	Desenvolvimento da Transição-Estado Defesa /Ataque por meio de intervenção do adversário sem êxito (DTse)	Desenvolvimento da posse de bola com intervenção do adversário sem êxito (DPse)
	Desenvolvimento da Transição-Estado Defesa /Ataque por ação do guarda-redes da equipa em fase ofensiva (DTgro)	Desenvolvimento da posse de bola por ação do guarda-redes da equipa em fase ofensiva (DPgro)
	Desenvolvimento da Transição-Estado Defesa /Ataque por ação do guarda-redes da equipa em fase defensiva (DTgra)	Desenvolvimento da posse de bola por ação do guarda-redes da equipa em fase defensiva (DPgra)
		Desenvolvimento da posse de bola por infração do adversário às leis do jogo (DPi)
		Desenvolvimento da posse de bola por pontapé de canto (DPc)
		Desenvolvimento da posse de bola por pontapé de baliza (DPpb)
		Desenvolvimento da posse de bola por bola ao solo (DPbs)
		Desenvolvimento da posse de bola por lançamento de linha lateral (DPLL)

Zona Ofensiva / Corredor lateral esquerdo (10)
Zona Ofensiva / Corredor central esquerdo (11)
Zona Ofensiva / Corredor central direito (12)
Zona Ofensiva / Corredor lateral direito (13)
Zona Ultra-ofensiva 2 / Corredor lateral esquerdo (14)
Zona Ultra-ofensiva 2 / Corredor central esquerdo (15)
Zona Ultra-ofensiva 2 / Corredor central direito (16)
Zona Ultra-ofensiva 2 / Corredor lateral direito (17)
Zona Ultra-ofensiva 1 / Corredor lateral esquerdo (18)
Zona Ultra-ofensiva 1 / Corredor central esquerdo (19)
Zona Ultra-ofensiva 1 / Corredor central direito (20)
Zona Ultra-ofensiva 1 / Corredor lateral direito (21)

Quadro 13 - Critério 1 – Início da fase ofensiva/Recuperação da posse da bola (Barreira, Garganta, Prudente & Anguera, 2012).

Critério 1 de Formato de Campo

Início da fase ofensiva/ Recuperação da posse de Bola (RPB)

Definição:

Sempre que a equipa observada, até então sem a posse da bola, consegue recuperar de forma direta/dinâmica ou indireta/estática a bola.

Recuperação da posse da bola de forma Direta/Dinâmica:

Uma equipa tem a posse da bola quando se respeita uma das seguintes condições:

- 1- O jogador realiza pelo menos três contatos consecutivos com a bola;
- 2- O jogador executa um passe positivo, para um jogador da sua equipa (Permitindo a manutenção da posse de bola);
- 3- O jogador realiza um remate (finalização) (Garganta, 1997);
- 4- O Guarda-redes contacta a bola, controlando-a (Castellano,2000).

Uma recuperação da posse de bola de forma Direta/Dinâmica, que origina uma Transição Estado Defesa/Ataque, pressupõe que a equipa observada realize:

- 1- Interceção do remate ou do passe realizado pela equipa adversária;
- 2- Desarme, intervindo sobre a bola, a uma situação de disputa direta com um atacante adversário que busca conservar a posse de bola (Garganta,1997).

Terão, todavia, que ser cumpridas as seguintes condições:

- A bola permanece dentro do espaço de jogo regulamentar;
- Não são cometidas infrações as leis do jogo.

Recuperação da posse da bola de forma Indireta/Estática:

A equipa observada inicia a fase ofensiva (Transição Interfase Defesa/Ataque) após que a equipa adversária cometer uma infração as leis do jogo,

enviar a bola para fora do campo de jogo, ou por golo do adversário. A fase ofensiva é iniciada com os membros superiores (Lançamento lateral) ou com o(s) membro(s) inferior(es) (e.g. pontapé livre, pontapé de baliza). São incluídos neste subcritério os esquemas táticos.

Transição-Estado Defesa/Ataque

Catálogo	Código	Descrição
Recuperação da posse de Bola por interceptação	IEi	A transição de estado Defesa/Ataque inicia-se com um jogador da equipa observada realizando uma interceptação de um passe ou de um remate realizado pelo adversário.
Recuperação da posse de Bola por desarme	IEd	A transição de estado Defesa/Ataque inicia-se com um jogador da equipa observada realizando um desarme, através de uma disputa direta com o adversário.
Recuperação da posse de bola por Ação do Guarda-Redes em fase defensiva	IEgr	A Transição-Estado defesa/ataque inicia-se através da conquista da posse de bola por ação do guarda-redes em fase defensiva (e.g. agarrar a bola após cruzamento, remate, passe, etc.).
Recuperação da posse de Bola por ação defensiva seguida de passe	IEp	<p>A Transição-Estado defesa/ataque inicia-se com uma ação defensiva de um jogador da equipa observada (e.g. interceção, cabeceamento de uma bola em trajetória aérea não controlada por nenhum dos jogadores), que é de imediato seguida por passe, sem que exista interrupção do jogo.</p> <p>Considera-se <u>passe</u> o envio da bola, de forma deliberada ou não, até outro jogador da equipa observada, sem que exista posse de bola, dando continuidade à Transição-Estado defesa/ataque.</p>

Transição-Interfase Defesa/Ataque			
Colocação da Bola em Jogo com o(s) Membro(s) Inferior(es)	Início/Reinício da Fase Ofensiva por Começo/Recomeço do Jogo	IIcg	<p>A Transição-Interfase defesa/ataque, através de pontapé de saída, acontece:</p> <ul style="list-style-type: none"> i. no início do jogo; ii. após golo sofrido; iii. no reinício do jogo na 2ª parte; iv. no começo de cada período do prolongamento. <p>A bola está em jogo quando é movimentada para a frente. O jogador que executa o pontapé de saída não volta a tocar a bola sem que outros jogadores o façam. Um golo pode ser marcado diretamente do pontapé de saída.</p>
	Recuperação da Posse de Bola por Infração do Adversário às Leis do Jogo	III	<p>A Transição-Interfase defesa/ataque inicia-se após uma infração do adversário às leis do jogo, e.g. fora-de-jogo, falta, comportamento antidesportivo, etc.). A bola é reposta em jogo com o(s) membro(s) inferior(es) através de um pontapé livre (direto ou indireto) ou um pontapé de grande penalidade.</p>
	Recuperação da Posse de Bola por Pontapé de Canto	IIc	<p>A Transição-Interfase defesa/ataque inicia-se após uma interrupção regulamentar provocada pelo envio da bola pelo adversário pela respetiva linha de baliza, de forma a ultrapassá-la completamente, quer seja pelo solo ou pelo ar, e um auto golo não é marcado. A bola é reposta em jogo com o(s) membro(s) inferior(es) no quarto de círculo (raio de 1m) marcado a partir da bandeira de canto, sendo o pontapé de canto marcado junto da bandeira mais próxima do local</p>

			de saída da bola. Os adversários permanecem a pelo menos 9,15m do arco de canto até a bola estar em jogo. A bola encontra-se em jogo quando é pontapeada por um jogador da equipa observada e se move.
	Recuperação da Posse de Bola por Pontapé de Baliza	Ilpb	<p>A Transição-Interfase defesa/ataque inicia-se após o envio da bola pelo adversário pela linha de baliza da equipa observada, de forma a ultrapassá-la completamente, quer seja pelo solo ou pelo ar, sem que tenha sido marcado golo.</p> <p>A bola é reposta em jogo com o(s) membro(s) inferior(es) de um ponto qualquer da área de baliza por um jogador da equipa observada, mantendo-se os jogadores adversários fora da área de grande penalidade. O executante não poderá tocar uma segunda vez na bola até que esta seja tocada por um outro jogador. A bola encontra-se em jogo quando sair diretamente da área de grande penalidade.</p>
	Recuperação da Posse de Bola por Bola ao Solo	Ilbs	<p>A Transição-Interfase defesa/ataque inicia-se após uma interrupção temporária do jogo provocada por uma causa não prevista nas leis do jogo. O jogo recomeça com uma bola ao solo no local onde ela se encontrava no momento da interrupção, recomeçando o jogo logo que a bola toque no solo. A equipa observada recupera a posse de bola.</p>

Colocação da Bola em Jogo com os Membros Superiores	Recuperação da Posse de Bola por Lançamento da Linha Lateral	III	<p>A Transição-Interfase defesa/ataque inicia-se após o envio da bola pela linha lateral por parte do adversário, de forma a ultrapassá-la completamente, quer seja pelo solo ou pelo ar.</p> <p>A bola é reposta em jogo com as mãos, no local em que a mesma ultrapassou a linha lateral, por um jogador da equipa adversária à que tocou a bola em último lugar. O executante deverá ter ambos os pés em contacto com o solo e utilizará ambas as mãos, não devendo tocar a bola antes que um outro jogador a contacte. Todos os adversários devem estar a pelo menos 2 metros do ponto em que o lançamento de linha lateral é executado, estando a bola em jogo logo que entre no terreno de jogo.</p>
---	--	-----	--

Quadro 14 - Critério 2 – Desenvolvimento da transição de estado Defesa/Ataque (Barreira et al., 2012).

Critério 2 de Formato de Campo	
Desenvolvimento da Transição-Estado Defesa/Ataque (DT)	
<p>DEFINIÇÃO:</p> <p>São todas as intervenções que um jogador e companheiros da mesma equipa realizam desde o local onde a bola é recuperada (de forma direta/dinâmica), estando em disposição de dar continuidade à Transição-Estado defesa/ataque.</p> <p>A Transição-Estado defesa/ataque termina quando se verifica uma das seguintes condições:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A bola sai totalmente do espaço de jogo regulamentar; 2. É cometida uma infração às leis do jogo (contra ou a favor); 3. São realizados três comportamentos consecutivos mantendo-se o contexto Sem Pressão no Centro de Jogo (de acordo com critério 6 do SoccerEye). No 	

4º comportamento consecutivo, caso se mantenham as condições **Sem Pressão** no Centro do Jogo, é dada como finalizada a Transição-Estado defesa/ataque. Sempre que no decorrer da contagem dos comportamentos em contexto **Sem Pressão** existir um em contexto **Pressão** reinicia-se a contagem.

Nota: O comportamento / categoria Desenvolvimento da Transição-Estado defesa/ataque com intervenção do adversário sem êxito (DTse) não é atendido nesta contagem, i.e. para se determinar o final da Transição-Estado defesa/ataque.

4. É realizado um comportamento inerente ao final de fase ofensiva (de acordo com critério 4 do *SoccerEye*).

Catálogo	Código	Descrição
Desenvolvimento da transição de estado Defesa/Ataque por meio de um passe curto positivo	DTpcp	Sempre que o portador da bola em Transição-Estado Defesa/Ataque, transmite efetivamente a bola a um elemento de sua mesma equipa, mantendo sua posse. O passe es realizado dentro da mesma zona ou entre duas zonas consecutivas, dando continuidade ao ataque.
Desenvolvimento da transição de estado Defesa/Ataque por meio de um passe curto Negativo	DTpcn	Sempre que o portador da bola em Transição de Estado Defesa/Ataque, não transmite efetivamente a bola a um companheiro da mesma equipa, perdendo-se sua posse de bola ou existindo uma intervenção do adversário sem êxito que permite a continuidade do ataque. O passe é realizado dentro da mesma zona ou entre duas zonas consecutivas, dando continuidade ao ataque.
Desenvolvimento da transição de estado Defesa/Ataque por meio de um passe	DTplp	Sempre que o portador da bola em Transição-Estado defesa/ataque, transmite efetivamente a bola a um companheiro da mesma equipa, permitindo manter sua posse. O passe é

longo positivo		realizado entre duas zonas não consecutivas, dando continuidade ao ataque.
Desenvolvimento da transição de estado Defesa/Ataque por meio de un passe longo negativo	DTpln	Sempre que o portador da bola em Transição-Estado defesa/ataque, não transmite efetivamente a bola a um elemento da mesma equipa, que não recebe, perdendo a posse de bola ou existindo uma intervenção do adversário sem êxito (comportamentos DTse / DPse) que permite dar continuidade ao ataque. O passe é realizado entre duas zonas não consecutivas, dando continuidade ao ataque.
Desenvolvimento da Transição-Estado defesa/ataque por cruzamento <u>Positivo</u>	DTczp	Sempre que o portador da bola, em Transição-Estado defesa/ataque, situado num dos corredores laterais e no setor ofensivo (zonas 10 ou 12), transmite efetivamente a bola a um colega de equipa situado no corredor central do setor ofensivo (zona 11), em trajetória aérea ou junto ao solo, dando continuidade ao ataque.
Desenvolvimento da Transição-Estado defesa/ataque por cruzamento <u>Negativo</u>	DTczn	Sempre que o portador da bola, em Transição-Estado defesa/ataque, situado num dos corredores laterais e no setor ofensivo (zonas 10 ou 12), não transmite efetivamente a bola a um colega de equipa situado no corredor central do setor ofensivo (zona 11), perdendo-se a sua posse ou existindo uma intervenção do adversário sem êxito (comportamentos DTse / DPse), permitindo neste caso a continuidade do ataque.
Desenvolvimento da transição de estado	DTcd	O portador da bola, em Transição-Estado defesa/ataque, realiza um número de contatos

Defesa/Ataque por meio de condução de bola		consecutivos igual ou superior a três , fazendo a bola progredir pelo terreno de jogo, com o objetivo de dar continuidade ao ataque.
Desenvolvimento da transição de estado Defesa/Ataque por meio de um drible (1x1)	DTd	O portador da bola, em Transição-Estado defesa/ataque, busca ultrapassar o(s) adversário(s) direto(s), e manter a posse de bola ou ganhar posição / espaço sobre este(s), dando continuidade ao ataque.
Desenvolvimento da Transição-Estado defesa/ataque por Recepção / Controle de Bola	DTrc	Ação em que um jogador da equipa em Transição-Estado defesa/ataque recebe e controla a bola enviada por um colega, dando continuidade ao ataque
Desenvolvimento da Transição-Estado defesa/ataque por Duelo	DTdu	Ação em que um jogador da equipa em Transição-Estado defesa/ataque disputa a bola com um adversário (e.g. uma bola em trajetória aérea não controlada por nenhum dos jogadores), dando continuidade ao ataque.
Desenvolvimento da Transição-Estado defesa/ataque por Remate	DTr	Ação em que um jogador da equipa em Transição-Estado defesa/ataque remata à baliza adversária, não resultando em golo, existindo continuidade do ataque após o remate.
Desenvolvimento da transição de estado Defesa/Ataque por meio de intervenção do adversário sem êxito	DTse	Um adversário intervém sobre a equipa, em posse da bola em Transição de Estado Defesa/Ataque, interrompendo temporal e ocasionalmente a posse da bola. São ações do adversário sobre a bola, não consideradas como posse da bola.

Desenvolvimento da Transição-Estado defesa/ataque por ação do Guarda-Redes da equipa em fase ofensiva	DTgro	Intervenção do guarda-redes da equipa em Transição-Estado defesa/ataque, dando continuidade ao ataque. Todos os comportamentos tático-técnicos realizados pelo guarda-redes em fase ofensiva (e.g. passe, condução de bola, drible (1x1)) são incluídos nesta categoria.
Desenvolvimento da Transição-Estado defesa/ataque por ação do Guarda-Redes da equipa em fase defensiva	DTgra	Intervenção do guarda-redes da equipa sem a posse de bola, que não a recupera, permitindo a continuidade ao ataque da equipa em fase ofensiva. Todos os comportamentos tático-técnicos realizados pelo guarda-redes em fase defensiva são incluídos nesta categoria.

Quadro 15 - Critério 3 - Desenvolvimento da ação Ofensiva (prévio ao momento de aceleração) (Barreira et al., 2012).

Critério 3 de Formato de Campo		
Desenvolvimento da ação Ofensiva (Prévio ao momento de aceleração) (DP)		
<p>Definição:</p> <p>São todas as intervenções que um jogador e companheiros da mesma equipa realizam desde o final da Transição-Estado defesa/ataque / Transição-interfase defesa/ataque, estando em disposição de dar continuidade ao ataque, até acontecer um comportamento inerente ao critério 4 do <i>SoccerEye</i> (final da fase ofensiva).</p>		
Catálogo	Código	Descrição
Continuidade da fase ofensiva por meio de passe	DPpcp	Sempre que o portador da bola, em desenvolvimento da posse da bola, transmite efetivamente a bola a um companheiro de sua

curto positivo		equipa, mantendo sua posse. O passe é realizado dentro da sua zona ou duas zonas consecutivas, dando continuidade ao ataque.
Continuidade da fase ofensiva por meio de passe curto negativo	DPpcn	Sempre que o portador da bola, em desenvolvimento da posse da bola, não transmite efetivamente a bola a um companheiro de sua equipa, com a intervenção de um adversário sem êxito permitindo dar continuidade ao ataque. O passe é realizado dentro da sua zona ou duas zonas consecutivas, dando continuidade ao ataque.
Continuidade da fase ofensiva por meio de passe Longo positivo	DPplp	Sempre que o portador da bola, em desenvolvimento da posse da bola, transmite efetivamente a bola a um companheiro de sua equipa, mantendo sua posse. O passe é realizado entre duas zonas não consecutivas, dando continuidade ao ataque.
Continuidade da fase ofensiva por meio do passe Longo negativo	DPpln	Sempre que o portador da bola, em desenvolvimento da posse da bola, não transmite efetivamente a bola a um companheiro de sua equipa, com a intervenção de um adversário sem êxito permitindo dar continuidade ao ataque. O passe é realizado entre duas zonas não consecutivas, dando continuidade ao ataque.
Desenvolvimento da Posse de Bola por Cruzamento <u>Positivo</u>	DPczp	Sempre que o portador da bola, em desenvolvimento da posse de bola, situado num dos corredores laterais e no setor ofensivo (zonas 10 ou 12), transmite efetivamente a bola a um colega de equipa situado no corredor central do setor ofensivo (zona 11), em trajetória aérea ou junto ao solo, dando continuidade ao ataque.

Desenvolvimento da Posse de Bola por Cruzamento <u>Negativo</u>	DPczn	Sempre que o portador da bola, em desenvolvimento da posse de bola, situado num dos corredores laterais e no setor ofensivo (zonas 10 ou 12), não transmite efetivamente a bola a um colega de equipa situado no corredor central do setor ofensivo (zona 11), perdendo-se a sua posse ou existindo uma intervenção do adversário sem êxito (comportamentos DTse / DPse), permitindo neste caso a continuidade do ataque.
Continuidade da fase ofensiva por meio da condução de bola	DPcd	Sempre que o portador da bola realiza um número de contatos com a bola, consecutivos, igual ou superior a três, fazendo a bola progredir no terreno de jogo, com objetivo de dar continuidade ao ataque.
Continuidade da fase ofensiva por meio do Drible 1x1	DPd	O portador da bola, em desenvolvimento da posse da bola, busca ultrapassar o(s) seu(s) adversário(s) próximo(s), para manter a posse de bola e ganhar a posição/espaco sobre este(s), dando continuidade ao ataque.
Desenvolvimento da Posse de Bola por Recepção / Controle de Bola	DPrc	Ação em que um jogador da equipa em desenvolvimento da posse de bola recebe e controla a bola enviada por um colega, dando continuidade ao ataque.
Continuidade da fase ofensiva por duelo	DPdu	Um adversário intervém sobre a bola, em desenvolvimento da posse da bola, interrompendo temporal e ocasionalmente a posse da bola. São ações do adversário sobre a bola, não consideradas como posse da bola.

Desenvolvimento da Posse de Bola por Remate	DPr	Ação em que um jogador da equipa em desenvolvimento da posse de bola remata à baliza adversária, não resultando em golo, existindo continuidade do ataque após o remate.
Desenvolvimento da Posse de Bola com Intervenção do Adversário Sem Êxito	DPse	Um adversário intervém sobre a bola em desenvolvimento da posse de bola, interrompendo temporal e ocasionalmente a posse de bola. São ações do adversário sobre a bola, não consideradas como posse de bola, i.e. não integrantes da fase ofensiva.
Desenvolvimento da posse de bola por Ação do Guarda-Redes da equipa em fase ofensiva	DPgro	Intervenção do guarda-redes da equipa em desenvolvimento da posse de bola, dando continuidade ao ataque. Todos os comportamentos tático-técnicos realizados pelo guarda-redes em fase ofensiva (e.g. passe, condução de bola, drible (1x1)) são incluídos nesta categoria.
Desenvolvimento da Posse de Bola por ação do Guarda-Redes da equipa em fase defensiva	DPgra	Intervenção do guarda-redes da equipa sem a posse de bola, sem a recuperar, dando continuidade ao ataque. Todos os comportamentos tático-técnicos realizados pelo guarda-redes em fase defensiva são incluídos nesta categoria.
Desenvolvimento da posse de bola por Infração do adversário às Leis do Jogo	DPI	A equipa em desenvolvimento da posse de bola beneficia de uma infração do adversário às leis do jogo (e.g. fora de jogo, falta, comportamento anti-desportivo). A bola é reposta em jogo com o(s) membro(s) inferior(es) através de um pontapé livre (direto ou indireto) ou um pontapé de grande penalidade.

Desenvolvimento da posse de bola por pontapé de canto a favor	DPc	A equipa em desenvolvimento da posse de bola beneficia de uma interrupção regulamentar provocada pelo envio da bola pelo adversário pela respetiva linha de baliza, de forma a ultrapassá-la completamente, quer seja pelo solo ou pelo ar, e um autogolo não é marcado. A bola é reposta em jogo com o(s) membro(s) inferior(es) no quarto de círculo (raio de 1m) marcado a partir da bandeira de canto, sendo o pontapé de canto marcado junto da bandeira mais próxima do local de saída da bola. Os adversários permanecem a pelo menos 9,15m do arco de canto até a bola estar em jogo. A bola encontra-se em jogo quando é pontapeada por um jogador da equipa observada e se move.
Desenvolvimento da posse de bola por Pontapé de Baliza a favor	DPpb	A equipa em desenvolvimento da posse de bola beneficia de um pontapé de baliza resultante do envio da bola pelo adversário pela linha de baliza da equipa observada, de forma a ultrapassá-la completamente, quer seja pelo solo ou pelo ar, sem que tenha sido marcado golo. A bola é reposta em jogo com o(s) membro(s) inferior(es) de um ponto qualquer da área de baliza por um jogador da equipa observada, mantendo-se os jogadores adversários fora da área de grande penalidade. O executante não poderá tocar uma segunda vez na bola até que esta seja tocada por um outro jogador. A bola encontra-se em jogo quando sair diretamente da área de grande penalidade.
Desenvolvimento da posse da bola	DPbs	A equipa em desenvolvimento da posse de bola beneficia de uma interrupção temporária do jogo

por Bola ao Solo		provocada por uma causa não prevista nas leis do jogo. O jogo recomeça com uma bola ao solo no local onde ela se encontrava no momento da interrupção, recomeçando o jogo logo que a bola toque no solo.
Desenvolvimento da posse de bola por Lançamento de Linha Lateral a favor	DPLL	A equipa em desenvolvimento da posse de bola beneficia de um lançamento de linha lateral resultante do envio da bola pela linha lateral por parte do adversário, de forma a ultrapassá-la completamente, quer seja pelo solo ou pelo ar. A bola é reposta em jogo com as mãos, no local em que a mesma ultrapassou a linha lateral, por um jogador da equipa adversária à que tocou a bola em último lugar. O executante deverá ter ambos os pés em contacto com o solo e utilizará ambas as mãos, não devendo tocar a bola antes que um outro jogador a contacte. Todos os adversários devem estar a pelo menos 2 metros do ponto em que o lançamento de linha lateral é executado, estando a bola em jogo logo que entre no terreno de jogo.

Quadro 16 - Critério 4 – Iniciação do momento de aceleração (adaptado de Mello, 2017).

Critério 4 de Formato de Campo
Iniciação do Momento de Aceleração (IA)
<p>Definição:</p> <p>Momento do jogo, em que a equipa que se encontra em fase ofensiva, provoca situações de crise que geram desequilíbrios ao adversário, a través da conquista de seu(s) espaço(s) defensivos, fazendo progredir a bola com</p>

rapidez e eficácia, no sentido da baliza adversária, até marcar o golo.		
Catálogo	Código	Descrição
Se acelera o jogo ofensivamente através de um passe curto positivo entre-linhas.	IApcp	Sempre que o portador da bola efetua um passe efetivo a um membro de sua mesma equipa, ultrapassando as linhas de jogo configuradas pelos jogadores adversários que se encontram em posição defensiva. O passe é realizado entre uma ou duas zonas consecutivas da zona defensiva e ofensiva, dando continuidade ao ataque.
Se acelera o jogo ofensivamente através de um passe longo positivo.	IAplp	Sempre que o portador da bola efetua um passe efetivo a um membro de sua mesma equipa, ultrapassando as linhas de jogo configuradas pelos jogadores adversários que se encontram em posição defensiva. O passe é realizado entre duas zonas não consecutivas da zona defensiva e ultraofensiva 1, dando continuidade ao ataque.
Se acelera o jogo ofensivamente através da condução de bola, no sentido do ataque.	IAcd	Sempre que o portador da bola efetua um número de contatos consecutivos com a bola igual ou superior a três, fazendo com que a bola progrida no campo, ultrapassando as linhas de jogo configuradas pelos jogadores adversários que se encontram em posição defensiva. A interação com a bola é realizada entre a zona defensiva e ultraofensiva, dando continuidade ao ataque.
Se acelera o jogo ofensivamente através de um passe de ruptura frontal o	IApru	Sempre que o portador da bola efetua um passe efetivo a um membro de sua mesma equipa, que se encontra iludindo a vigilância do(s) adversário(s) que se encontram em posição defensiva, recebendo a bola entre a linha

diagonal.		atrasada da linha defensiva e a linha adiantada do guarda-redes rival. O passe é realizado entre a zona ofensiva e ultraofensiva 1, dando continuidade ao ataque.
-----------	--	---

Quadro 17 - Critério 5 – Continuidade do momento de aceleração (Melo, 2017).

Critério 5 de Formato de Campo		
Continuidade do momento de aceleração (CA)		
<p>Definição:</p> <p>Continuação do momento de aceleração, fazendo a bola progredir na direção da baliza adversária, na tentativa de ultrapassar as linhas defensivas adversárias, através de contatos consecutivos (condução) ou de transmissão efetiva (passe) da bola a um companheiro da mesma equipa, dando continuidade ao ataque.</p>		
Catálogo	Código	Descrição
Continuidade do momento de aceleração por condução da bola no sentido do ataque, com sucesso sem recuperação do adversário	CAcdp	O portador da bola dá continuidade ao momento de aceleração realizando um número consecutivo de contatos com a bola igual ou superior a três, fazendo esta progredir no terreno de jogo na direção da baliza adversária, com o objetivo de dar continuidade à ação ofensiva.
Continuidade do momento de aceleração por condução da bola no sentido do ataque, sem	CAcdn	O portador da bola tenta dar continuidade ao momento de aceleração realizando um número consecutivo de contatos com a bola igual ou superior a três, buscando fazer esta progredir no terreno de jogo na direção da baliza adversária, com o objetivo de dar

sucesso com recuperação do adversário		continuidade à ação ofensiva, porém perde a posse da bola.
Continuidade do momento de aceleração por Drible positivo	CAdrp	O portador da bola da continuidade ao momento de aceleração ultrapassando o(s) adversário(s) próximo(s) em posição defensiva, mantendo a posse da bola ganhando a posição/espaco sobre este, dando continuidade ao ataque.
Continuidade do momento de aceleração por Drible negativo	CAdrn	O portador da bola tenta dar continuidade ao momento de aceleração ultrapassando o(s) adversário(s) próximo(s) em posição defensiva, mantendo a posse da bola ganhando a posição/espaco sobre este, dando continuidade ao ataque, porém perde a posse da bola.
Continuidade do momento de aceleração por Cruzamento positivo dos corredores laterais	CAczp	O portador da bola, situado em um dos corredores laterais (10, 13, 14, 17, 18 ou 21), da continuidade ao momento de aceleração através da transmissão da bola a um companheiro da mesma equipa situado no corredor central do setor ultraofensivo 2 ou ultraofensivo 1, dando continuidade ao ataque.
Continuidade do momento de aceleração por Cruzamento negativo dos corredores laterais	CAczn	O portador da bola, situado em um dos corredores laterais (10, 13, 14, 17, 18 ou 21), tenta dar continuidade ao momento de aceleração através da transmissão da bola a um companheiro da mesma equipa situado no corredor central do setor ultraofensivo 2 ou ultraofensivo 1, dando continuidade ao

		ataque, mas perde a posse da bola.
Continuidade do momento de aceleração por passe curto positivo	CApcp	O portador da bola dá continuidade ao momento de aceleração através da transmissão efetiva da bola a um companheiro da mesma equipa mantendo sua aceleração. O passe é realizado dentro da mesma zona ou entre duas zonas consecutivas, dando continuidade à ação ofensiva.
Continuidade do momento de aceleração por passe curto negativo	CApcn	O portador da bola tenta dar continuidade ao momento de aceleração através da transmissão efetiva da bola a um companheiro da mesma equipa mantendo sua aceleração. O passe é realizado dentro da mesma zona ou entre duas zonas consecutivas, dando continuidade à ação ofensiva, porém perde a posse da bola.

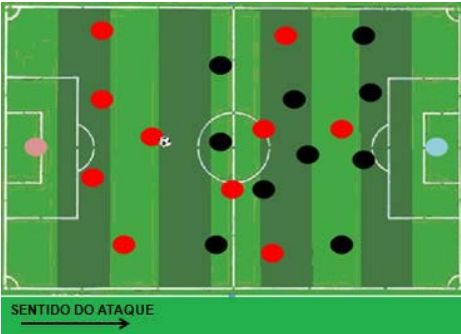
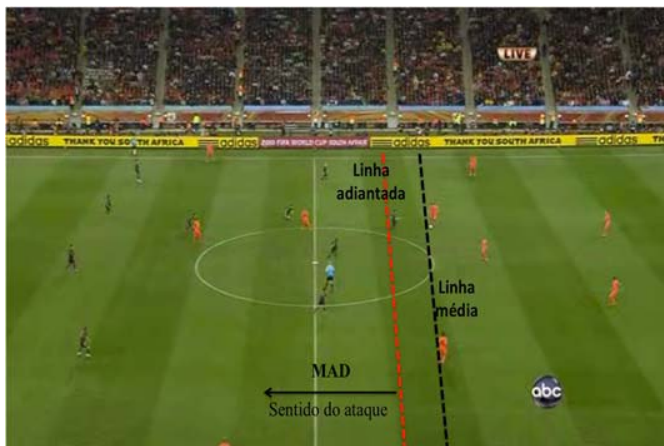
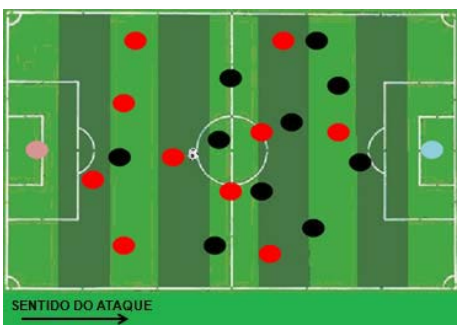
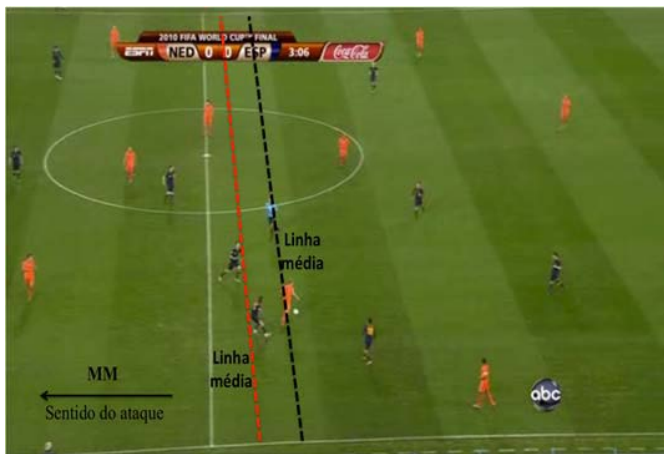
Quadro 18 – Critério 6 - Final da fase ofensiva (Melo, 2017).


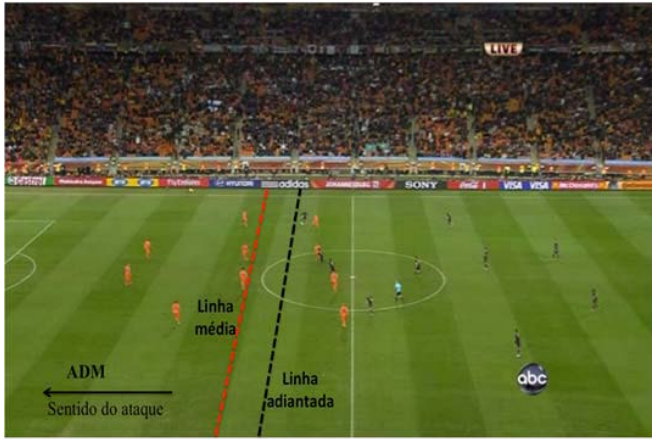
Critério 6 de Formato de Campo		
Finalização da ação e do momento de aceleração (GL)		
Definição: Considera-se que o momento de aceleração termina quando a equipa observada marca golo.		
Catálogo	Código	Descrição
Golo marcado pelo jogador que acelerou o jogo	GLja	Momento de aceleração termina com a marcação de um golo, validado pelo árbitro de jogo, marcado pelo mesmo jogador que iniciou o momento de aceleração.

Golo marcado pelo jogador que não acelerou o jogo	GLjna	Momento de aceleração termina com a marcação de um golo, validado pelo árbitro de jogo, marcado por outro jogador que não o que iniciou o momento de aceleração.
---	--------------	--

Quadro 19 – Critério 7 – Configuração espacial de interação entre as equipas no Momento de Aceleração (Barreira et al., 2012).

Critério 8 de Sistema de Categorias					
Configuração espacial de interação entre as equipas no Momento de Aceleração (CEI)					
<p>DEFINIÇÃO:</p> <p>Representa a relação entre o espaço de jogo efetivo superfície que envolve todos os jogadores que se encontram nas partes exteriores da equipa num determinado instante (Gréhaigne, Bouthier, & David, 1997) das duas equipas em confronto. Ou seja, a configuração espacial de interação, num instante t do jogo, corresponde a toda a área representada pelo interior de uma zona delimitada pelos jogadores exteriores da equipa. Depois de realizadas todas as restrições, os contextos de interação possíveis no jogo ficam reduzidos a onze e correspondem às configurações espaciais de interação em baixo indicadas (Castellano, 2000).</p> <p>Este sistema de categorias é exaustivo e mutuamente excludente (E/ME).</p>					
Catálogo	Cód.	Descrição	● Equipa Observada (em fase ofensiva)	Exemplos	
Equipa Atacante	Equipa Defensora		○ Equipa Adversária (em fase defensiva)		

Bola na Linha Média (M)	<p>Linha Adiantada (AD)</p>	<p>MAD</p>	<p>A bola encontra-se entre a linha média da equipa em fase ofensiva e a linha adiantada da equipa adversária</p>		
	<p>Linha Média</p>	<p>MM</p>	<p>A bola encontra-se entre as linhas médias das equipas em confronto.</p>		

Bola na linha adiantada (AD)	Bola na linha média (M)	ADM	<p>A bola encontra-se entre a linha adiantada da equipa em fase ofensiva e a linha média da equipa adversária.</p> 	
------------------------------	-------------------------	-----	---	---

Quadro 20 - Critério 8 – Espacialização do terreno de jogo (Melo, 2017).

Critério 8 de Sistema de Categorias
Espacialização do Terreno do Jogo (ETJ)
Definição: <p>O terreno de jogo foi dividido em 21 zonas (adaptado por Melo, 2017, de Barreira, Garganta, Prudente & Anguera, 2012 e Castaner et al., 2016). Cada uma correspondente a uma categoria, sendo o terreno de jogo constituído por 21 unidades que formam um sistema de categorias exaustivo, mutuamente excludente (Castellano & Hernandez, 2000).</p> <p>As 21 zonas referem-se a uma divisão longitudinal de 4 corredores:</p> <ul style="list-style-type: none">• Lateral esquerdo;• Central Esquerdo;• Central Direito;• Lateral Direito. <p>Bem como a uma divisão transversal em 7 zonas:</p> <ul style="list-style-type: none">• A mais próxima da baliza defendida não é contabilizada;• Defensiva;• Central;• Ofensiva;• UltraOfensiva 2;• Ultra Ofensiva 1.



Figura 8 - Campograma.

*Zona UltraOfensiva 2 (UOT) e Zona UltraOfensiva 1 (UOC).

Catálogo	Código	Descrição
Zona defensiva	1	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona um, conforme o campograma do terreno de jogo.
Zona central 1 / Corredor lateral esquerdo	2	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona dois, conforme o campograma do terreno de jogo.
Zona central 1 / Corredor central esquerdo	3	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona três, conforme o campograma do terreno de jogo.
Zona central 1 / Corredor central direito	4	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona quatro, conforme o campograma do terreno de jogo.

Zona central 1 / Corredor lateral direito	5	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona cinco, conforme o campograma do terreno de jogo.
Zona central 2 / Corredor lateral esquerdo	6	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona seis, conforme o campograma do terreno de jogo.
Zona central 2 / Corredor central esquerdo	7	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona sete, conforme o campograma do terreno de jogo.
Zona central 2 / Corredor central direito	8	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona oito, conforme o campograma do terreno de jogo.
Zona central 2 / Corredor lateral direito	9	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona nove, conforme o campograma do terreno de jogo.
Zona Ofensiva / Corredor lateral esquerdo	10	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona dez, conforme o campograma do terreno de jogo.
Zona Ofensiva / Corredor central esquerdo	11	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona onze, conforme o campograma do terreno de jogo.
Zona Ofensiva / Corredor central direito	12	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona doze, conforme o campograma do terreno de jogo.
Zona Ofensiva / Corredor lateral direito	13	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona treze, conforme o campograma do terreno de jogo.
Zona Ultra- ofensiva 2 / Corredor lateral	14	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona quatorze, conforme o campograma do terreno de

esquerdo		jogo.
Zona Ultra-ofensiva 2 / Corredor central esquerdo	15	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona quinze, conforme o campograma do terreno de jogo.
Zona Ultra-ofensiva 2 / Corredor central direito	16	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona dezesseis, conforme o campograma do terreno de jogo.
Zona Ultra-ofensiva 2 / Corredor lateral direito	17	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona dezessete, conforme o campograma do terreno de jogo.
Zona Ultra-ofensiva 1 / Corredor lateral esquerdo	18	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona dezoito, conforme o campograma do terreno de jogo.
Zona Ultra-ofensiva 1 / Corredor central esquerdo	19	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona dezenove, conforme o campograma do terreno de jogo.
Zona Ultra-ofensiva 1 / Corredor central direito	20	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona vinte, conforme o campograma do terreno de jogo.
Zona Ultra-ofensiva 1 / Corredor lateral direito	21	O(s) comportamento(s) do(s) jogador(es) da equipa em fase ofensiva ocorrem na zona vinte e um, conforme o campograma do terreno de jogo.

